

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE ARTE E ARQUITETURA
ARTES VISUAIS BACHARELADO**

LUÍSE FLÔRES LORENZ

**O CORAÇÃO COMO OBJETO DE CRIAÇÃO
RESSIGNIFICADO ATRAVÉS DE UM ATLAS**

**CAXIAS DO SUL
2024**

LUÍSE FLÔRES LORENZ

**O CORAÇÃO COMO OBJETO DE CRIAÇÃO
RESSIGNIFICADO ATRAVÉS DE UM ATLAS**

Trabalho de Conclusão de Curso II apresentado no Curso de Bacharelado em Artes Visuais da Universidade de Caxias do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Boone

CAXIAS DO SUL

2024

LUÍSE FLÔRES LORENZ

**O CORAÇÃO COMO OBJETO DE CRIAÇÃO
RESSIGNIFICADO ATRAVÉS DE UM ATLAS**

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso I apresentado no Curso de Bacharelado em Artes Visuais da Universidade de Caxias do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Boone

Aprovada em:

Banca examinadora

Professora Dra. Silvana Boone
Universidade de Caxias do Sul

Professora Me. Jane Toss
Universidade de Caxias do Sul

Professora Me. Sinara Maria Boone
Universidade de Caxias do Sul

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, em especial aos meus pais, Denise Neumann Flôres Lorenz e Luiz Pedro Lorenz, que não tem medido esforços ao me apoiar em minha carreira acadêmica e tem me incentivado a continuar meus estudos. Assim como minhas irmãs e meu cunhado que tem me incentivado a continuar.

A querida professora Silvana Boone que me orientou e me auxiliou durante todo o processo deste trabalho. E as professoras Sinara Maria Boone e Jane Toss que aceitaram o convite para serem a banca e me auxiliaram com apoio e materiais para uma pesquisa muito mais ampla e consistente. Destaco ainda o apoio do professor Sergio Rosa Lopes que me auxiliou muito dentro da produção artística com dicas e conselhos.

E a cada amigo que me apoiou e incentivou durante todo este processo, guardarei cada um de vocês em um local especial do meu coração. Agradeço a aquele que tem me ensinado qual é o real valor do coração e da importância que preciso dar a ele, e que assim como fez com Agostinho de Hipona, trás consolo e acalento para o coração contrito.

Muito obrigada a cada um que fez parte deste processo e que possui um local especial dentro do meu coração!

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado em Artes Visuais tem por objetivo apresentar o resultado da pesquisa e criação artística realizada a partir do significado atribuído ao elemento coração dentro da arte. Em um primeiro momento apresenta-se a investigação realizada sobre os diferentes artistas da história da arte e uma investigação sobre o uso e apropriação do coração como elemento poético e simbólico. São investigadas as relações entre a simbologia e o conceito filosófico atribuído ao coração a partir de Agostinho de Hipona, que o coração como centro identitário humano. A produção acontece em paralelo à construção de um atlas visual referenciado pelo Atlas Mnemosyne de Aby Warburg, relacionando diferentes imagens e objetos que orientaram a produção artística que se apropria do elemento coração.

Palavras-chave: Coração. Resignificação. Atlas.Sagrado.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Coração humano: Luíse Lorenz, óleo sobre tela, 2019.....	11
Figura 2 - Livro dos mortos de Kenna (1325-1275 a.C.).....	15
Figura 3 - Konrad von Altstetten abraçando sua amante. Imagem do Codex Manesse, um livro de poesia feito em Zurique por volta de 1304-5.....	16
Figura 4 - O Coração de Jesus, Juan Patricio Morlete Ruiz (1759).....	19
Figura 5 - Allegory of the Sacred Heart of Jesus, José de Paez	19
Figura 6 - Sagrado Coração de Jesus, Candido Portinari (1942).....	20
Figura 7 - Sagrado Coração de Jesus, Candido Portinari (1959).....	20
Figura 8 - Desenho de estudo: coração anatômico por Luíse Lorenz, 2023.....	22
Figura 9 - Desenho de coração feito por Leonardo da Vinci.....	22
Figura 10 - Desenho de coração de boi feito por Leonardo da Vinci.....	23
Figura 11 - As duas Fridas (1939).....	24
Figura 12 - Memória e o coração (1937).....	26
Figura 13 - Obra de Alexandra Eckert	28
Figura 14 - Obra de Alexandra Eckert: Volumes e Tomos.....	28
Figura 15 - Obra de Alexandra Eckert: Coração Mix Plus.....	29
Figura 16 - Obra de Renan Florindo “coração jabuticabeira”	30
Figura 17 - Obra de Renan Florindo “Coratium”.....	30
Figura 18 - Obra de Karen Dolores, Visceral (2015)	32
Figura 19 - O fio libertador de Karen Dolorez (2017)	32
Figura 20 - Obra de Adrianna Eu, O coração puro, (2023).....	34
Figura 21 - Obra de Adrianna Eu, Sala de espera, (2021).....	35
Figura 22 - Obra de Adrianna Eu, O corte, (2023).....	35
Figura 23 - Obra de Ema Shim, “Corações das mulheres ausentes” (2023).....	37
Figura 24 - Obra de Ema Shim que compõe e exposição corações das mulheres ausentes (2023).....	37
Figura 25 - Obra de Rima Day, Sem nome (2022).....	38
Figura 26 - Obra de Rima Day, “Coração Fantasma III” (2020).....	39
Figura 27 - Obra de Rima Day, “Coração Fantasma IV” (2020).....	39
Figura 28 - Atlas Mnemosyne, Painel número 55 (versão preto e branco a direita e versão em cores a esquerda) (1920).....	49

Figura 29 - O grande Mural de David Hockey (2000).....	51
Figura 30 - Sagrado coração de Luíse, em exposição no Hall do Campus 8 (2024).	55
Figura 31 - Luíse Lorenz “Coração de Mulher” (2024).....	56
Figura 32 - Luíse Lorenz “Coração Sagrado” (2024).....	57

LISTA DE SIGLAS

TCC	Trabalho de conclusão de curso
RS	Rio Grande do Sul
SESC	Serviço Social do Comércio
EUA	Estados Unidos da América

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 CORAÇÃO COMO ELEMENTO CONCEITUAL NA HISTÓRIA DA ARTE	13
2.1 O CORAÇÃO COMO SÍMBOLO EM ALGUNS MITOS: DO EGITO AO PERÍODO MEDIEVAL	14
2.1.2 O sagrado Coração de Jesus	18
2.2 UMA ABORDAGEM CIENTÍFICA: O CORAÇÃO ANATÔMICO	21
2.3 REPRESENTAÇÃO NO SÉCULO XX: FRIDA KAHLO.....	23
2.4 O CORAÇÃO NA ARTE CONTEMPORÂNEA	26
2.4. 3 Os corações nas obras de Karen Dolorez e Adrianna Eu.....	31
2.4. 5 Os corações nas obras de Ema Shim e Rima Day	36
3 ALGUMAS DEFINIÇÕES DA FILOSOFIA E DA SEMIÓTICA QUANTO AOS ELEMENTOS TEÓRICOS EMPREGADOS NA PRODUÇÃO ARTÍSTICA	41
3.2 ANÁLISE DA OBRA CONFISSÕES DE AGOSTINHO DE HIPONA.....	44
4.1 DO ATLAS MNEMOSYNE À PRODUÇÃO	47
4.1.1 Atlas Mnemosyne e o conhecimento secreto de Hockney.....	48
4.1.2 Atlas do coração: Sagrado coração de Luíse	52
4.2. 3 A série de obras.....	54
5 CONCLUSÃO	59
REFERÊNCIAS	61
APÊNDICE- LISTAGEM DAS IMAGENS, OBJETOS E OBRAS QUE COMPÕEM O ATLAS DENOMINADO “SAGRADO CORAÇÃO DE LUÍSE”	68

1 INTRODUÇÃO

A partir da constatação de que o coração aparecia de maneira recorrente em diversas produções artísticas desenvolvidas nos últimos anos, abrangendo diferentes questionamentos atrelados ao inconsciente e a uma série de simbolismos que endossavam conceitualmente esses trabalhos, este Trabalho de Conclusão de Curso foi sendo desenhado. Ao longo dos meus estudos em Artes Visuais iniciou-se um processo de investigação da imagem do coração como um elemento simbólico, significativo e que frequentemente aparece dentro da história da arte.

Ao revisitar essa temática, percebeu-se que algumas das produções, muitas feitas ao longo da Licenciatura em Artes Visuais, tiveram minha atenção direcionada a uma pintura em especial, cujo título é “Coração humano” (Figura 1). Esse trabalho foi produzido durante atividades extensionistas em uma atividade do Programa de Linguagens da Arte (PLA) e acabou sendo selecionado para o XIV salão do Campus 8 e o 7º Prêmio Koralle¹. Conceitualmente, a pintura buscava explorar as coisas que guardamos em nossos corações, fossem elas boas ou ruins. Posto isso, surgiu a possibilidade de revisitar a ideia manifestada nessa obra, agora com um olhar distanciado, buscando ampliar as investigações sobre o coração como um elemento simbólico e sob uma ótica contemporânea.

Temos a consciência de que o coração é o principal órgão vital no organismo humano, e que ao mesmo tempo, também lhe é atribuído sentido filosófico e simbólico, sendo muito referenciado nas artes visuais, como na música, literatura, cinema e outros. Ao perceber-se que a representação do coração geralmente está associada a questões de ordem sentimental, espiritual, numa condição geográfica (no contexto da anatomia do corpo humano) de habitação de sentimentos, forças, medos, anseios e memórias, muitas vezes relacionados à alma, espírito e psique humana, questionou-se quanto e como esses elementos estariam relacionados à representação simbólica do que cabe dentro do coração. Surgiu assim a questão norteadora desta pesquisa: de que maneira os aspectos e significados associados ao coração enquanto elemento de representação se manifestam e evoluem na expressão artística contemporânea?

¹ Primeira exposição de arte que participei.

Figura 1 - Coração humano: Luíse Lorenz, óleo sobre tela, 2019.



Fonte: Produção da autora (2023)

Ao considerar tais questões neste trabalho acadêmico, buscar-se-á pensar o coração como um elemento que é percebido pelas pessoas através dessas e de outras leituras, focando na investigação de uma lógica estética e pautada pelo estudo da semiótica, a fim de direcionar uma leitura científica e não centrada no senso comum. Partindo do pressuposto que o coração é um símbolo popular, por vezes banalizado e associado ao amor, ao afeto e demais sentimentos humanos também percebe-se que é um elemento investigado por diversos autores dentro de um prisma filosófico, psicológico e artístico.

Nessa linha, o trabalho manifesta intencionalmente o pensamento do teólogo e filósofo Agostinho de Hipona (354-430 d.C), conhecido como Santo Agostinho, que discorre sobre a sua própria pessoa em relação a seus mais profundos conceitos de humanidade e de um coração simbólico, e ainda busca explorar a representação do coração na obra de alguns artistas que se apropriaram desse como elemento concreto na sua construção conceitual e figurativa.

Este TCC tem como temática principal a representação do coração como elemento simbólico na arte, não sendo delimitado a uma exploração como um órgão

vital, mas um elemento que transcende a sua função biológica, manifestado como local de afetos, anseios e desejo traduzido de forma simbólica através da arte contemporânea. Se constrói a partir do objetivo de conceituar e compreender o coração como elemento que dialoga entre o pensamento filosófico e as representações que habitam esse elemento simbólico. Busca-se compreender o coração como elemento conceitual relacionado com a arte e a vida através do entendimento dos elementos estudados e a produção de alguns artistas, bem como conceituar a representação do coração, compreender a representação filosófica atribuída a ele pela visão de Agostinho de Hipólita. Procura-se estabelecer relações entre os diferentes elementos estudados a fim de desenvolver uma produção artística contemporânea que se aproprie do elemento coração.

O procedimento metodológico se deu através de uma produção teórico-prática, onde em um primeiro momento questiona-se a importância do coração, através de uma revisão bibliográfica e de uma investigação sobre a poética de diferentes artistas que se utilizam do coração como objeto de estudo, em diferentes momentos da história da arte e na arte contemporânea. Além dos artistas, investigou-se teóricos da semiótica como Charles S. Peirce (2005) e Lucia Santaella (2005), entre outros, em que percebemos que o estudo do signo é complexo e se estabelece dentro de regras e padrões. A partir da apropriação de alguns conceitos e ideias presentes nas poéticas artísticas casadas com ideias presentes na semiótica e na filosofia e a partir desses referenciais, estabeleceu-se o conceito da produção artística final, e o seu processo referencial. E em um segundo momento se utiliza da metodologia desenvolvida por Aby Warburg em seu Atlas Mnemosyne, partindo de uma investigação de obras artísticas ou outros referenciais constituídos pelo coração como representação ou metafórico. São imagens coletadas de propagandas, fotografias, reproduções de esculturas e de pinturas, xerox de livros, esboços e estudos da autora deste TCC. A escolha do Atlas Mnemosyne surge inclusive como um direcionamento um pouco didático da obra considerando a herança do curso de licenciatura na produção desta autora. Esta produção é materializada a partir do conceito e montagem de um “Atlas Mnemosyne” que apresentará imagens que foram sendo selecionadas e que influenciaram no resultado de uma série de quatro obras finais que exploram as linguagens da pintura, escultura e técnica mista.

2 CORAÇÃO COMO ELEMENTO CONCEITUAL NA HISTÓRIA DA ARTE

O coração é um órgão vital dos seres humanos (e animais) e sua representação manifesta um certo fascínio em diferentes momentos da história da humanidade, possuindo definições científicas através da anatomia, de cunho religioso e de abordagem filosófica através da arte. Prates (2005) nos mostra ele foi representado nos primórdios da arte em pinturas rupestres, em alguns animais, ou em artefatos, como os dos Maias por exemplo, sendo provavelmente ligados aos rituais religiosos de sacrifícios humanos. O coração é também atrelado às práticas religiosas dos egípcios, representando o coração através de desenhos e pinturas e até mesmo esculturas e urnas fúnebres. Também é um elemento referenciado nas imagens sagradas do Cristianismo, principalmente na igreja primitiva, no qual era relacionado ao amor de Cristo pela sua Igreja, que derramou seu sangue para salvá-la de seu pecado. O autor mostra que a representação dele sempre se deu de maneiras diferentes a partir do contexto histórico e social em que estava inserido, sendo em alguns momentos representado de maneira arredondada, semelhante à forma de um pêsego e em outros, de maneira a parecer uma espécie de triângulo ou pirâmide. Segundo Prates (2005), foi apenas a partir do ano de 1500, com o progresso do conhecimento anatômico, que se deu a aceitação da forma convexa do símbolo.

Esse fascínio pelo coração levou Milad Doueihi (1999) a escrever uma coletânea de diferentes histórias que envolvem o coração humano. Com o título de “Histórias perversas do coração humano”, o autor traz diferentes lendas e mitos contados em diferentes locais do mundo desde o antigo Egito. Logo no início do livro o autor apresenta o coração como um órgão ao qual é atribuído um significado maior do que apenas o de bombear sangue. O autor apresenta uma perspectiva de diferentes mitos e contos passados de geração em geração em locais como Egito, Grécia e Europa medieval, ressaltando uma valorização do coração que se propagou pelas diferentes culturas a ponto de lhe atribuir um significado muito maior do que apenas anatômica ou biológica.

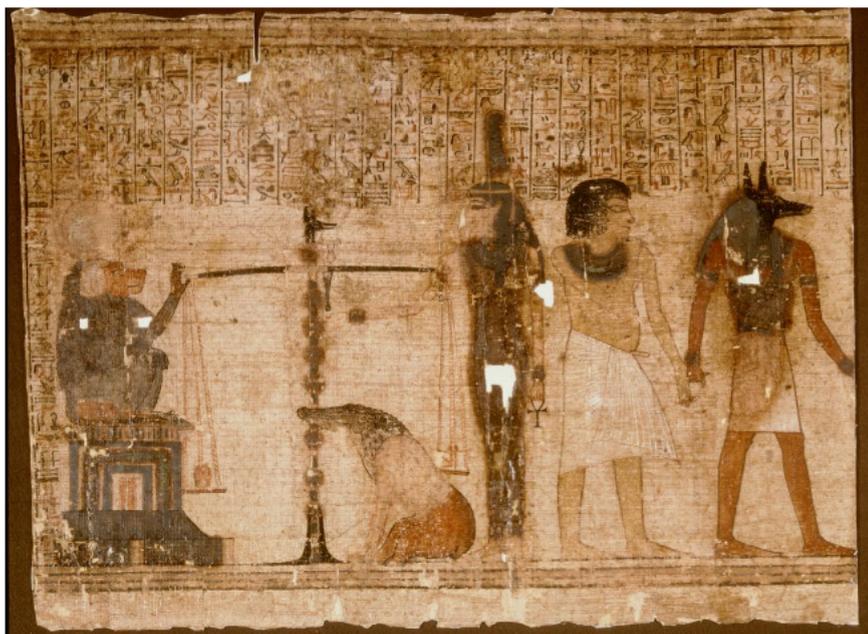
2.1 O CORAÇÃO COMO SÍMBOLO EM ALGUNS MITOS: DO EGITO AO PERÍODO MEDIEVAL

Ao conhecermos a história, entendemos que um dos propósitos da mitologia é fazer com que o ser humano compreenda mais sobre si mesmo. Doueihy (1999) se volta a um conto antigo originário do Egito que narra uma história de dois irmãos, e tem o coração como um dos principais elementos simbólicos do texto. Doueihy discorre sobre o coração, como sendo:

[...] desde lugar da comunicação até o sítio do princípio vital e de regeneração e, em última análise, local onde ocorrem ao mesmo tempo as paixões, emoções, sexualidade e morte. O coração é o órgão e símbolo das manifestações mais básicas porém cruciais manifestações da vida. (DOUEIHI, 1999, p.20)

O autor demonstra que na antiga cultura egípcia o coração tinha um valor não apenas de vida, mas também da regeneração e renascimento do ausente, de atribuição religiosa, Mello (2016) demonstra que na mitologia egípcia o coração ganha um significado importante depois da morte sendo apresentado diante do tribunal do deus Osíris, é colocado pela deusa Maat, deusa da justiça e verdade, em uma balança no qual o contrapeso é uma pena. Se o coração humano for mais leve do que a pena, o morto passaria para o paraíso do deus Osíris, mas se fosse mais pesado ele seria devorado pela deusa Ammit, fazendo com que o morto desaparecesse para sempre. Esta cena é retratada em um pergaminho que ficou conhecido como “Livro dos mortos de Kenna” (Figura 2), um pergaminho este de mais de dezessete metros que foi encontrado sobre uma múmia em seu sarcófago. Hoje o pergaminho pertence ao museu Rijksmuseum van Oudheden, na Holanda, e estima-se que o pergaminho tenha sido criado em meados dos anos 1325-1275 a.C.. Uma das características mais impressionantes é a diversidade de cores da peça, diferente do tradicional preto e vermelho.

Figura 2 - Livro dos mortos de Kenna (1325-1275 a.C.)



Fonte: Cultura (2024)

Na Grécia antiga encontram-se vários mitos que atrelam ao coração o valor da identidade. No conto sobre a morte e regeneração do deus Dionísio, ao ser parcialmente devorado pelos titãs, ele regenera seu corpo a partir de seu coração, que fora preservado. Para Doueihl (1999) o conto se atrela não apenas ao poder regenerador identitário, mas também torna-se uma representação simbólica de momentos ordinários dicotômicos, como a vida e a morte, sacrifício e assassinato, antropofagia e alimento. Do desmembramento ao renascimento faz com que o deus não se reconheça, sendo uma alegoria para a perda de si ao ser devorado pelos titãs. Porém, quando salvo pelos outros deuses, Dionísio, se regenera a partir de seu coração, que carregava a sua identidade mais profunda, se reerguendo como uma casa em cima de uma pedra de alicerce. Para o autor, este mito no qual o deus é devorado, mostra um diálogo e uma certa centralidade na representação do coração dentro do pensamento grego, e o especifica como

[...] lugar de uma série de investimentos férteis e demarcados pela proibição. O coração, origem e sistema de apoio da vida é também o principal gerador de uma cadeia de metáforas e figuras que o inscrevem como um limite e fim em si mesmo.” (DOUEIHL, 1999, p. 25).

No século XIII se situa um mito medieval de doze donzelas que eram amantes do mesmo homem chamado Ignaure. Descobrimo o caso das donzelas,

seus maridos matam o homem e dão para as suas esposas adúlteras o coração de seu amado como jantar, sem que elas saibam (Doueiri, 1999). Quando lhes é revelado, cada uma jura nunca mais comer nada em sua vida a fim de que o objeto de seu desejo tenha sido sua última refeição. Através do conto medieval, pode-se perceber um outro simbolismo empregado ao coração, sendo este o amor que é devorado pelo amor do qual se anseia.

Figura 3 - Konrad von Altstetten abraçando sua amante. Imagem do Codex Manesse, um livro de poesia feito em Zurique por volta de 1304-5



Fonte: Mullet (2022)

Este não é o único conto da época, a ideia de devorar o coração aparece em outros mitos, atrelando a antropofagia com o desejo da paixão e consumação final do amor de dois apaixonados. Assim, o coração funciona como um operador central entre a dama e o amado, sendo este de reconhecimento e de identificação. De acordo com o autor, isso ocorre porque:

[...] o conceito medieval de *fin'amur*, concepção que privilegia o coração não apenas como a sede das paixões e emoções mas também do conhecimento. Assim o "doce sabor" (*douce saveur*) do amor é tanto uma questão de gosto (*sabor*) como de conhecimento (*saber*). Neste sentido, não é estranho a dama de Feyel manifeste surpresa e satisfação quando consome o coração do amante morto. (DOUEIRI, 1999, p. 41)

O coração é ainda associado à sede do corpo, e de acordo com Doueishi, em uma relação diferente daquela entre amantes, em que o coração se apropria do amor fraternal de amigo quando os indivíduos se conectam sem uma intencionalidade de consumação como no caso dos amantes, mas sim como algo inerente à vida humana. O autor defende que a relação entre amigos é o “mesmo que respirar. É o sustento da vida. E é assim porque permite externar o coração, sede do eu no corpo.” (DOUEIHI, 1999, p. 52). Deste modo, o coração humano é uma figuração do ego, desejos, e paixões humanas, tornando-se o centro das reações humanas, o portador da identidade, da verdade. É como que necessitado de um público, um indivíduo que devora o coração do outro se torna o amigo ou o amante, porque este pode ser um modo de transferir, espelhar, expor ou trocar o ego do indivíduo com o outro ser humano. Para Doueishi, este pensamento medieval confere ao coração um significado que se apropria da antropofagia dos mitos, mas também que se estrutura na vulnerabilidade de uma amizade sincera na qual os indivíduos se comunicam mutuamente ao se expor. Desta forma:

O coração, órgão da vida e da fala, do renascimento e da regeneração, do sagrado e do mágico, foi por fim totalmente humanizado. Ele foi dado ao homem como ferramenta e instrumento de amizade, como meio de dominar o próprio eu e a carne por meio das palavras e nas palavras que o habitam. (DOUEIHI, 1999, p.59)

Ao coração é ainda atribuído o que conhecemos como instinto, algo que não é movido diretamente à razão, mas sim a uma ordem de um conhecimento inacessível. O autor (1999) finaliza seu livro apresentando ainda uma visão de que posteriormente, a partir de moralistas franceses, a definição de coração se torna atrelada ao motor que bombeia o sangue pelo corpo humano, e à significação identitária é atribuída ao cérebro, gerando assim, a partir de Descartes, a ruptura entre o coração eo cérebro, gerando, o que popularmente é conhecido como o duelo entre o cérebro e o coração, que de maneira moderna é vinculado o coração a emoção e o cérebro a razão.

2.1.2 O sagrado Coração de Jesus

A partir da influência da Igreja Católica Apostólica Romana² e do pensamento medieval, se desenvolve um dos elementos religiosos mais conhecido no ocidente atrelado ao coração: o “Sagrado Coração”. Milad Doueih (1999) apresenta a teologia do sagrado coração de Jesus como um símbolo do intercâmbio humano e divino, do finito e do infinito, do milagre da encarnação e da transfiguração a fim de levar a uma ideia de salvação. Norteado por muitos conceitos de coração definidos na idade média, no Sagrado Coração é depositada uma simbologia de misticismo e visando um direcionamento e aproximação da encarnação de Cristo. Torna-se um símbolo que busca retratar Cristo como o centro da humanidade. É normalmente representado com chamas que simbolizam o amor e a caridade da pessoa de Cristo. É envolto por uma coroa de espinhos e tem um de seus lados abertos, de onde saem água e sangue, resultado da ferida que seus algozes lhe imputam com uma lança para confirmar sua morte. Tais imagens aparecem de diferentes formas, e são utilizadas na fé Católica Cristã até hoje. Grande parte delas está presente dentro de igrejas ou em locais de adoração utilizados pelos fiéis da religião. Essas figuras se apropriam de estilos distintos obtidos nos momentos em que são feitas, mantendo porém as características principais desde a Idade Média. Na figura 4 podemos ver uma pintura de estilo barroco: a imagem apresenta o Sagrado Coração de Jesus ao centro, e logo abaixo dele o sagrado coração da virgem Maria; envolvidos por diferentes santos e figuras importantes da fé católica. Logo abaixo, vemos a figura 5 (sem datação), mas com as mesmas características da Figura 4.

² Também conhecida popularmente como Igreja Católica ou Catolicismo.

Figura 4 - O Coração de Jesus, Juan Patricio Morlete Ruiz (1759)



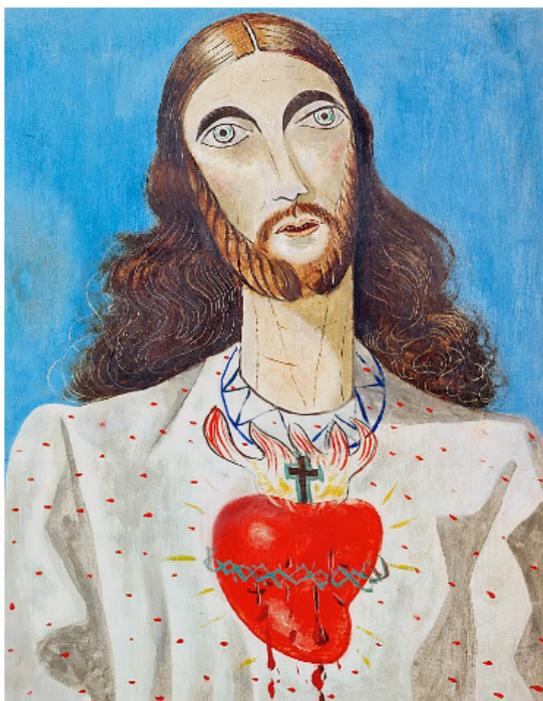
Fonte: Cultura (2024)

Figura 5 - Allegory of the Sacred Heart of Jesus, José de Paez



Fonte: Cultura (2024)

Figura 6 - Sagrado Coração de Jesus, Candido Portinari (1942)



Fonte: Cultura (2024)

Figura 7 - Sagrado Coração de Jesus, Candido Portinari (1959)



Fonte: Cultura (2024)

O sagrado coração de Jesus é uma das principais temáticas pintadas por artistas sacros com o passar dos anos, mas o caráter religioso contempla outros artistas também. Um dos artistas modernistas brasileiros que fez diversas versões do sagrado coração foi Cândido Portinari (Figuras 6 e 7). Uma das características que podem ser vistas em cada uma das três obras é de o coração estar presente,

mas de maneira imponente, no centro do peito do Cristo, sendo uma das partes principais da representação. Outra característica interessante é o formato específico que o artista dá ao coração de maneira tradicional do artista, tendo um formato sendo diferente de outros períodos da história. Ao contrário de outras versões, em que o coração parece ter um formato de *pêssego*, este parece ter um formato de *pimentão* possuindo características um pouco mais quadradas e irregulares e uma pequena pontinha no fim do coração vermelho vivo.

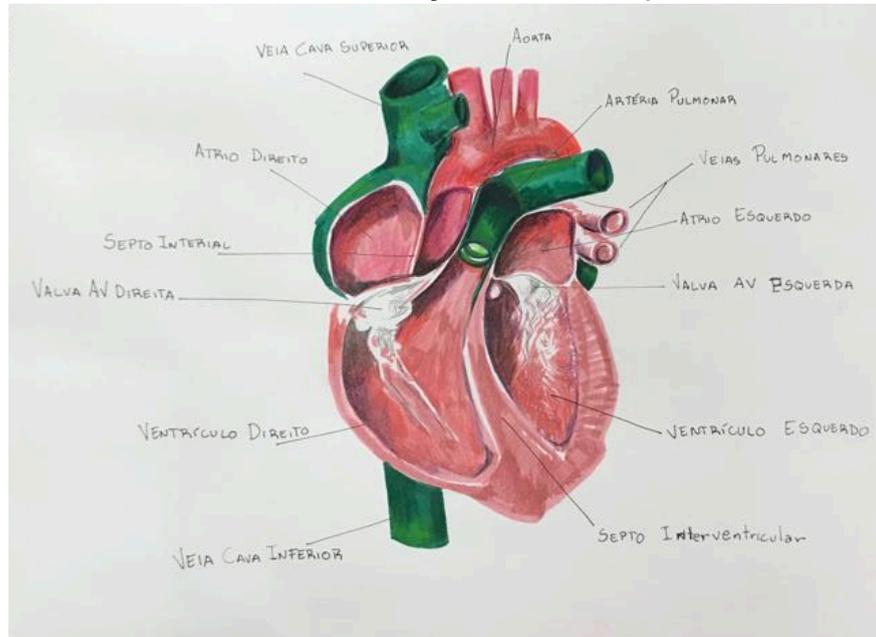
2.2 UMA ABORDAGEM CIENTÍFICA: O CORAÇÃO ANATÔMICO

Dentro de uma abordagem anatômica, o coração faz parte do sistema cardiovascular, atrelado diretamente com o sistema respiratório, cujo processo acontece por uma série de fatores que possibilitam a existência de vida e do perfeito funcionamento do organismo vivo (Garcia, 2021). É o órgão, representado através da figura 8, responsável pelo bombeamento do sangue, que passa por uma série de câmaras e diferentes vias. Responsável pelo sistema circulatório que alimenta o organismo vivo com todas as substâncias necessárias para o funcionamento das células, ou seja, os órgãos que formam os sistemas, esta transferência de substâncias acontece a partir de uma rede densa de capilares que possuem paredes com pouca resistência à transferência de substâncias por suas paredes. Dessa forma, com a liberdade de uma analogia, um organismo vivo funciona como uma espécie de engrenagem que depende do bom funcionamento de todas as peças, onde o coração é a peça que promove o bombeamento do sangue. Este bombeamento é promovido por quatro camadas que direcionam o sangue através de dois circuitos, um diretamente ligado com o pulmão e o outro para o restante do corpo, por conta de sua constituição por vasos. Como descrito no Manual de Técnicas Radiológicas, a circulação funciona da seguinte forma:

Na circulação sistêmica o sangue arterial parte do ventrículo esquerdo através da aorta em direção às extremidades e retorna pelas veias cavas superior e inferior (sangue venoso), desembocando no átrio direito. Na circulação pulmonar o sangue (venoso) sai do coração pela artéria pulmonar e vai irrigar o gás carbônico CO₂ e coleta o O₂, retornando pelas veias pulmonares (sangue arterial) até chegar ao átrio esquerdo do coração. (NOBREGA, 2019, p.45)

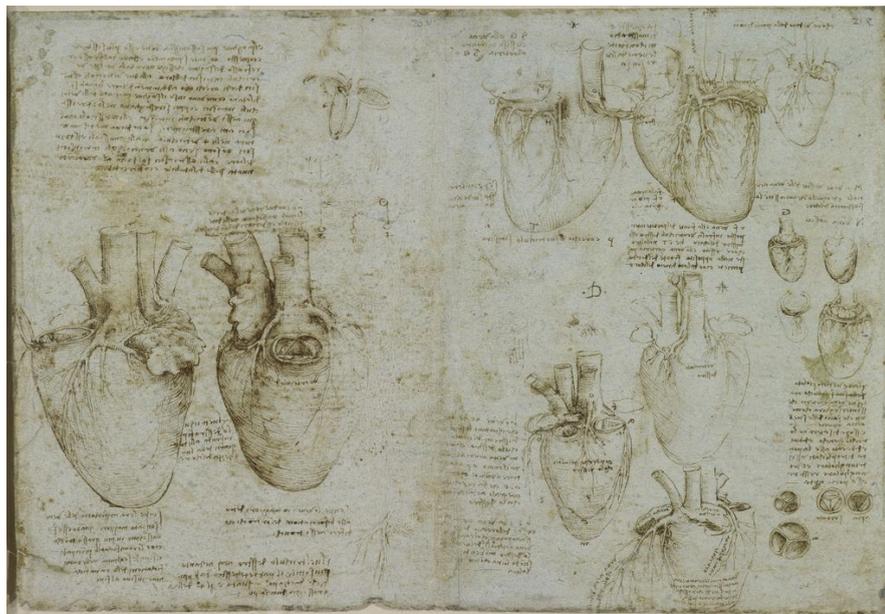
Assim, a circulação ocorre de maneira a levar o plasma para todo o organismo permitindo o funcionamento do organismo vivo e o seu abastecimento com os nutrientes que precisa absorver.

Figura 8 - Desenho de estudo: coração anômico por Luíse Lorenz, 2023



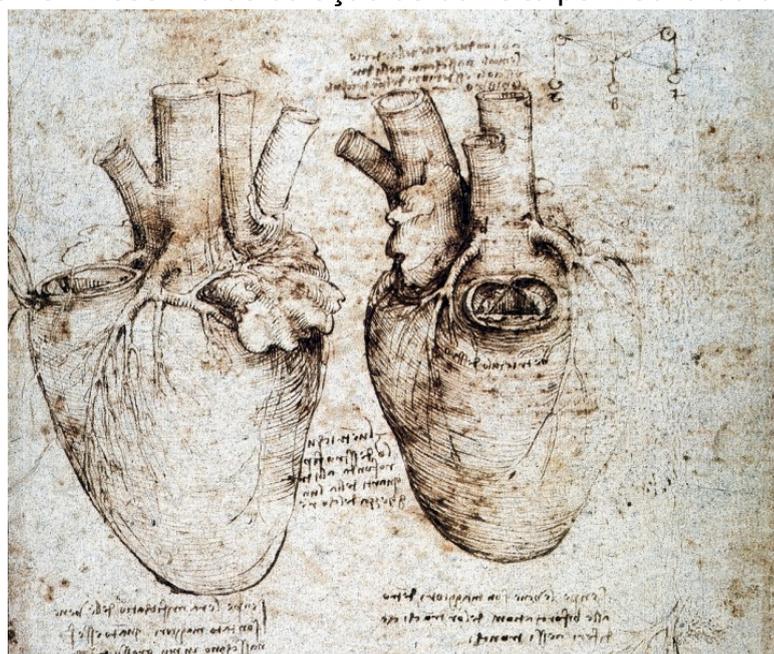
Fonte: Produção da autora (2023).

Figura 9 - Desenho de coração feito por Leonardo da Vinci



Fonte: Forato (2020).

Figura 10 - Desenho de coração de boi feito por Leonardo da Vinci



Fonte:Canelas (2019).

Na história da arte, alguns dos primeiros estudos anatômicos sobre o coração aconteceram durante o Renascimento, onde artistas como Leonardo da Vinci (Figuras 9 e 10) buscaram estudar e representar o coração, juntamente com os cientistas da época, criando teorias de seu funcionamento e de sua influência no organismo humano. Mesmo que com ideias primitivas, suas teorias têm sido comprovadas pela ciência, o que leva a crer que, na história da humanidade, estes desenhos têm um papel muito mais amplo do que imaginamos.

2.3 REPRESENTAÇÃO NO SÉCULO XX: FRIDA KAHLO

O coração é representado de diferentes formas no contexto da história da arte, sendo explorado por diferentes artistas que se apropriaram de seu simbolismo e significado, um destes casos é através do trabalho de Frida Kahlo (México, 1907-1954). Artista surrealista, que se utilizou do coração como uma das referências simbólicas na sua produção. Famosa por seu trabalho com autorretratos, a artista não iniciou intencionalmente a sua carreira artística, inicialmente estudava medicina, o que lhe influenciou na forma de representação do ser humano e de seu organismo. O abandono do estudo da medicina e a dedicação às artes se deu após um acidente

sofrido pela artista aos 18 anos, que fez com que seu ócio fosse direcionado a uma representação crítica quanto à sua condição através das artes. Seu trabalho é declarado como surrealista por André Breton, como evidência Gompertz (2013), mas a artista continuamente negava o título de surrealista durante a sua vida, porque afirmava que não pintava sonhos, pintava a sua realidade. A artista mexicana tem o elemento coração em apenas alguns de seus trabalhos, das quais ressalto “As duas Fridas” (1939) e “O coração” (1937).

A obra “As duas Fridas” (Figura 11) representa a própria artista duplicada, uma utilizando um vestido branco com uma renda bordada no estilo europeu e outra usando um vestido tradicional *tehuana*, ambas com o peito aberto mostrando um coração vermelho vivo, no qual as veias possuem uma ligação entre si. Os dois corações não são iguais, isso porque um aparece aberto, partido ao meio e o outro inteiro e íntegro. A Frida com o vestido branco segura em sua mão direita uma tesoura que corta uma das artérias do coração, manchado de sangue o vestido branco, enquanto que a outra Frida segura na mão esquerda um retrato de Diego Rivera, também artista e seu marido na época. Essa obra foi pintada pela artista logo depois do término com o Diego Rivera. Muito se interpreta que a forma de representação dos corações nessa obra da artista pode ser associada a uma maneira de distinção da personalidade e da dualidade vivida pela artista.

Figura 11 - As duas Fridas (1939)

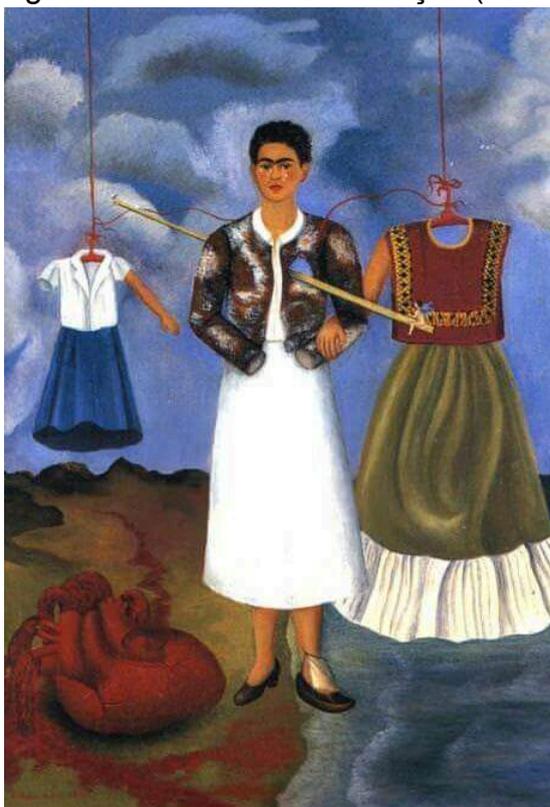


A obra “O coração” de 1937 (Figura 14), foi presente da artista para um amante parisiense com quem ela se relacionou em sua juventude. O livro de Marc Petitjean (2022) chamado “O coração: Frida Kahlo em Paris” conta a história do filho do amante de Frida, em que relata a viagem da artista para Paris e o relacionamento dos dois. O autor conta que via o pequeno quadro na sala de estar em sua infância e que só foi entender o seu significado quando cresceu. Ao pedir para o pai o que significava o quadro ele contou, de forma simples, talvez a fim de preservar a lembrança da artista ou esconder a antiga paixão, que Frida contou para ele que a obra possuía dois nomes: Memória e o coração, representando a transformação da artista. Porém ao olhar com mais atenção percebe que a complexidade da obra transpassa a explicação que recebera de seu pai, onde cada elemento possui uma significação. A representação à esquerda lembra seu passado, a central, quem ela é, e o buraco no peito transpassado por uma haste de metal, que referencia seu acidente. A direita, o vestido que seu marido tanto amava vê-la usando. Porém o grande coração jogado na areia lembra da angústia sofrida pela artista ao descobrir a traição de seu marido com a sua irmã. O autor conclui a análise da obra dizendo:

Essa visão sugere que aconteceu uma tragédia: o sangue corre, nada está em seu lugar, tudo é incerto. O rosto de Frida Kahlo expressa resignação e uma consciência distanciada do acontecimento. O rigor da composição reforça a sensação de que tudo está congelado, tudo está paralisado. [...] A intensidade da dor cria uma desrealização e um desmembramento da pessoa: suas mãos não pertencem mais e ela, o coração, um órgão vital geralmente oculto e o lugar simbólico de emoções, é duramente exposto aos olhos de todos desconectado de seu ser. (PÉTITJEAN, 2020,p. 20-21)

Vemos então, que a artista não simplesmente presenteou o seu amante, mas lhe deu uma obra que representava quem ela era de maneira muito detalhada e cuidadosa, revelando o seu coração a olhos nus para ele.

Figura 12 - Memória e o coração (1937)



Fonte: Kahlo (s/d)

Além de seu valor histórico, Frida Kahlo é um dos maiores nomes da arte moderna e seu trabalho demonstra uma percepção quanto a um retrato metafórico, adicionando elementos a sua imagem, mas também o integrando as metáforas de sua vida ao quadro. Sua sensibilidade e autoconhecimento tornam as obras profundas e interessantes, tendo sido escolhidas para este trabalho por conta do elemento coração ser uma espécie de identificação de sua identidade de Frida Kahlo e da história nas obras.

2.4 O CORAÇÃO NA ARTE CONTEMPORÂNEA

Seguindo uma linha temporal na história da arte, as investigações deste TCC dão um salto para a arte contemporânea e ao trabalho significativo de alguns artistas, como uma amostragem de algumas obras que se utilizam do coração como elemento simbólico ou literal em obras específicas, ou de maneira recorrente em suas produções. Algumas obras são conhecidas no âmbito internacional, enquanto

outras se encontram nas redes sociais dos artistas, principalmente na plataforma do Instagram.

2.4. 2 Os corações nas obras de Alexandra Eckert e Renan Florindo

A artista gaúcha Alexandra Eckert (Brasil, 1971-) é uma artista contemporânea, professora e pesquisadora. Explora as linguagens da gravura, cerâmica, instalações, livros de artistas e muitas outras linguagens. Possui um estudo sobre o coração, apresentado de diferentes maneiras, se apropriando principalmente do seu significado médico e de valor científico, mesmo que a artista ressalte que o elemento coração se tornou seu objeto de pesquisa quase que por acaso:

[...] o início do trabalho com a temática do coração humano e o primeiro modelo em argila aconteceu por acaso. Estava buscando uma forma arredondada, que pudesse ser envolvida pela minha mão, quando surgiu o coração. Aos poucos fui estabelecendo contato mais intenso com imagens desse órgão vital do corpo, motivada pela primeira experiência com aquela porção de argila. Precedidos por vários estudos e desenhos, os corações de cerâmica foram e continuavam a ser confeccionados pelo sistema de moldes, que aceleravam o tempo de execução das esculturas. Através desse sistema de produção seriada, aconteciam pequenas inserções de diferença na porcelana pigmentada com óxidos e corantes minerais, o que lhes conferia leveza, fragilidade e singularidade (ECKERT, 2013, p. 28).

Em uma de suas últimas exposições descreveu o coração como ícone de “resistência e amor”, apresentando-o aplicado em objetos diversos, através da serigrafia (Figura 15), ressignificando-os a fim de sensibilizar o público para a doação de órgãos.

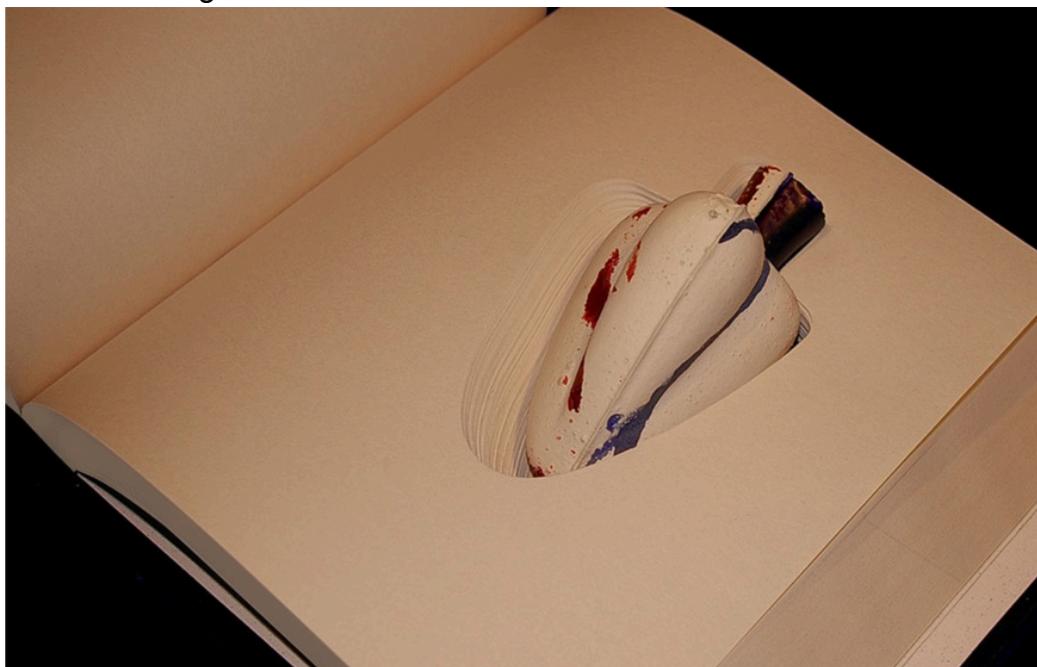
Outra obra da artista que também possui uma apropriação e articulação do coração com a medicina é a série *Coração: Volumes e Tomos* (Figura 16), resultado de sua dissertação de mestrado. Ela se inspira em um grande livro de cabeceira de sua avó que continha orações em alemão e que ficou em sua memória desde seus seis anos. Formado por treze livros com capa de veludo e cerca de 900 páginas, alguns volumes possuem um vão cortado no centro das folhas, formando um espaço para guardar um coração feito de porcelana, que se revela apenas ao se folhear as páginas, possibilitando a participação do público ao poder tocar a obra.

Figura 13 - Obra de Alexandra Eckert



Fonte: <https://www.feevale.br/acontece/noticias/espaco-cultural-castellan-recebe-exposicao-de-alexandra-eckert-e-fotocoletivo-essas-mulheres> (2023)

Figura 14 - Obra de Alexandra Eckert: Volumes e Tomos



Fonte: Fidelis (2013)

No texto “Estou no corpo da obra” (2013), a artista explora a temática do coração na série *Vide Bula*, que possibilitou pelo menos seis diferentes variações da obra. O projeto se inicia em 2003 ao retornar às atividades docentes da universidade Federal do Rio Grande do Sul, revisitando quatro diários de atelier e encontrando

experiências com materiais que mais tarde originaram a bula de Coração Mix Plus (Figura 15). Posteriormente a artista cria ainda uma versão em que o coração é feito de chumbo, que chama de *Coração Pb 82*, no qual faz um contraponto do coração e o material pesado e tóxico. Em 2011, fez uma versão utilizando serigrafia no qual denomina de *Coração Serígrafo*, impresso em um papel posto cuidadosamente em uma latinha de alumínio.

Figura 15 - Obra de Alexandra Eckert: Coração Mix Plus



Fonte: Fidelis (2013)

Renan Florindo (Brasil) é um artista visual, graduado em farmácia pela Universidade de Federal do Espírito Santo, e desenvolveu seu trabalho a partir de sua curiosidade com biscuit que se desenrolou para a porcelana fria. Porém, a frieza e a falta de poética do trabalho dentro da área da saúde o levou a pesquisar e se aprofundar na linguagem artística, o que levou o conhecimento e sua criatividade a unir as duas áreas do conhecimento. Grande parte de seus trabalhos se apropria do coração feito de uma maneira ressignificada, onde procura materializar a emoção ao buscar um canal de comunicação entre o órgão e sua simbologia e o cotidiano através de diferentes cores e objetos complementares. Com exposições individuais e coletivas em seu currículo, seu trabalho é reconhecido na loja do Instituto Inhotim.

Seus trabalhos mexem com a memória afetiva, fazendo referência a plantas populares brasileiras e a elementos como linhas e agulhas, como é o caso da obra

“Coração jabuticabeira” (Figura 18). Já na obra “Coraticum” (Figura 19) o artista investiga a palavra em latim que significa coragem, bravura de um coração forte, que possui um sentido metafórico de “coração”, como a sede de emoções, pensamentos, vontade e inteligência. O artista faz uma associação entre as duas palavras, argumentando que o coração representa a mente e a alma da pessoa, porque assim como o coração dá vida ao corpo, a mente dá a vida à existência.

Figura 16 - Obra de Renan Florindo “coração jabuticabeira”



Fonte: Florindo (2023)

Figura 17 - Obra de Renan Florindo “Coratium”



Fonte: Florindo (2023)

A escolha desses artistas como referencial se deu ao investigar o trabalho de ambos e compreender as suas trajetórias como semelhantes ao objetivo deste trabalho. Em escultura, Renan Florindo utiliza porcelana fria para a execução de diferentes corações moldados a partir de uma orientação anatômica, baseada em diferentes formas de composição. O trabalho de Alexandra Eckert, além de ser uma artista mulher e gaúcha, se apropria do coração em diversos trabalhos, sendo um dos principais objetos de seus estudos. Seu conhecimento teórico sobre o tema influenciou a investigação mais incisiva quanto a Agostinho de Hipona e a sua obra filosófica *Confissões*, sendo este um dos teóricos mais presentes no trabalho de Eckert.

2.4. 3 Os corações nas obras de Karen Dolorez e Adrianna Eu

Duas artistas mulheres que trabalham com materiais têxteis, não tão comuns nas linguagens da arte, são a artista Karen Dolorez e Adrianna Eu. Elas abordam assuntos da complexidade humana cada qual a sua maneira, se apropriando de uma materialidade intencional em suas obras. Veremos um pouco de seus trabalhos que se apropriam do coração como elemento simbólico, de forma principal ou coadjuvante dentro da obra.

A artista Karen Dolorez (Brasil, 1985 -) possui um trabalho ligado com questões de gênero, machismo, corpo e alguns outros temas que lhe causem algum tipo de incômodo. A artista desenvolve um conjunto de intervenções no espaço urbano que se apropriam de um ativismo social e político amplo, gerando debates no espaço público quanto à condição e às convenções sociais que são transpostas à imagem da mulher (Pereira, 2020).

Uma das linguagens presentes em seu trabalho é o crochê, o que fez a artista ingressar no movimento denominado Yarn Bombing, uma manifestação artística que cobre paredes, objetos, monumentos e prédios com crochê (Alessi, 2019). Oriunda da arte urbana, ela se apropria de termos provenientes do grafite e reinventa maneiras de intervenção urbana. Seu primeiro trabalho de intervenção foi realizado em 2015, junto a um amigo grafiteiro, tendo feito um mural com um coração cortado ao meio e a frase “onde teu medo dói?”, que denominou de “Visceral” (Figura 18).

Outra obra foi o “Mural 4 O fio libertador” (Figura 19) feita para o SESC Consolação em parceria com outros artistas, inspirados no tema *a mulher e o seu dom de tecer*, sendo ao todo oito murais na unidade. Dolorez (2017), na época, publicou em suas redes sociais que teve como livre inspiração o conto “a Moça Tecelã” de Marina Colasanti.

Figura 18 - Obra de Karen Dolores, Visceral (2015)



Fonte: Dolorez (2015)

Figura 19 - O fio libertador de Karen Dolorez (2017)



Fonte: Dolorez (2017)

A artista têxtil apresenta o corpo como um lugar de protesto, de expressão e de metáfora social. Dolorez (2021), em seu site, resgata a imagem, a influência e

importância da mulher tecelã, se apropriando de sua imagem histórica e a refletindo em uma mulher contemporânea que assume um papel de diálogo com esta versão histórica, apresentando que, tanto a mulher histórica quanto a mulher contemporânea, utilizam-se do ato de tecer como principal forma de expressão. Intencionalmente, a artista busca uma interação do público com as obras, proporcionando experiências sensoriais e reflexivas através do toque, em que se percebe as diferentes texturas do tecido, além de uma posse do espaço no qual a obra é inserida. Para Pereira (2020), a obra da artista questiona a relevância do espaço, da resistência, e transforma o espaço em um difusor de mudanças, e que através das redes sociais a artista permite inclusive que este espaço transcenda o mundo físico e interfira virtualmente.

Adrianna Eu (Brasil, 1953 -), possui um trabalho mesclado de diferentes materialidades, utilizando o fio e da linha dentro de sua produção e os integrando a outros objetos ou superfícies. A artista possui um currículo muito extenso, tendo participado em inúmeras exposições individuais e coletivas. Em seu estudo, explora principalmente as relações das pessoas com a própria identidade, o que fez com que a artista adotasse o nome-trabalho a fim de se apropriar do questionamento e provocando o público a um sentimento de reflexão quanto à própria identidade. De acordo com Caravello (s/d) a provocação da artista se dá intencionalmente: em sua assinatura, o pronome “eu” não se trata de seu sobrenome, sendo traduzido para a língua do local em que suas exposições acontecem, possibilitando o processo de estranhamento intencional dentro e fora do Brasil.

“Costura-se para dentro” foi uma exposição individual de 2019, cuja abordagem se deu a partir de conceitos atrelados à sociedade, como normas, costumes, regras, racionalidade, paixão, afeto, desvios e sentimentos. Lima (2019) afirma que a artista, intencionalmente provocar afetos que são inerentes ao ser humano, que se alteram instantaneamente a fim de despertar uma espécie de admiração. A artista se utiliza do belo como construção de discurso através de objetos, um reencontro recorrente dos materiais e suas histórias, inserindo os objetos e significados pessoais dos observadores das obras. A artista se apropria de uma delicadeza estética, pouco encontrada no contemporâneo, se utilizando de objetos simbólicos que remetem à própria infância da artista, como é o caso das bolinhas de linha que sua avó jogava fora depois da costura.

A obra “O coração puro” (Figura 20) é uma obra que, segundo a artista, se originou após a desmontagem de uma instalação que tinha como assunto principal a procura, captura, desejo e o encontro. Antes mesmo de finalizar a desmontagem a artista se depara com alguns cabides de madeira antiga, e reparando neles e no coração que tinha em mão, percebe que o cabide é como um ombro que o sustenta: surge uma nova obra que posteriormente ao participar de um salão, ganha o primeiro lugar e é agregada ao acervo da galeria. E ao fazer isso, comenta em suas redes sociais (2023) “como poderia deixar o seu coração lá?”. Esta obra posteriormente se torna uma instalação chamada de “Sala de espera” (Figuras 21), exposta em diferentes ambientes e composta de diversos cabides antigos com um coração pequeno pendurado a cada um deles. Eu (2021) relaciona os corações com as diferentes roupas guardadas em um armário que esperam um baile, um passeio e uma paixão, cada um esperando em silêncio, enfileirados, pelo momento em que poderão bailar o seu solo, a partir de uma escolha, de um afeto. Como um salto no escuro, genuinamente inexplicável, a espera de quando irá tocar a música, de quando chegará o amor.

A artista utiliza da linha vermelha para trabalhar diferentes conceitos em suas obras, normalmente os associando com coisas do cotidiano ou atrelados a verbetes populares ou de obras literárias como é o caso da obra “o Corte” (Figura 22), que se inspira na frase “Não há costura sem corte” (Eu, 2023,s/p) de Louise Bourgeois.

Figura 20 - Obra de Adrianna Eu, O coração puro, (2023)

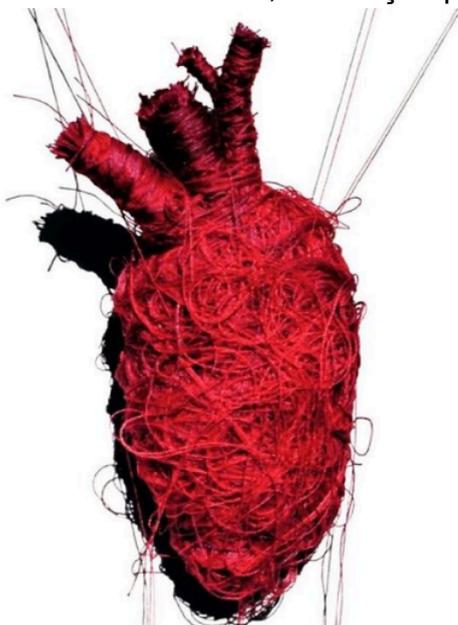
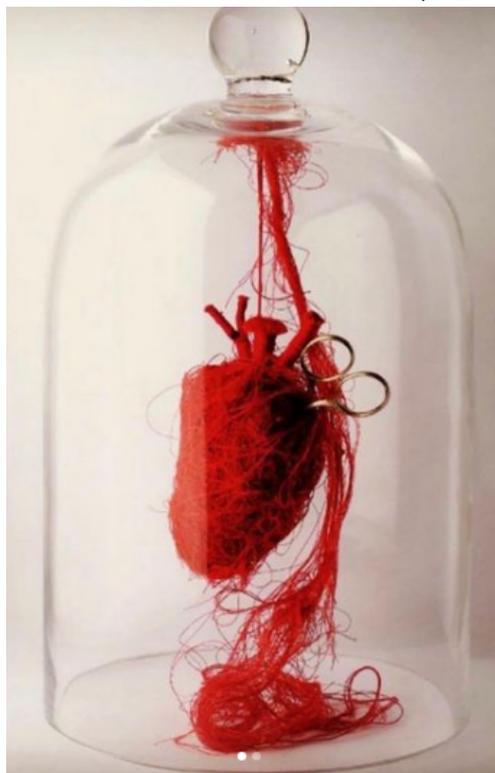


Figura 21 - Obra de Adrianna Eu, Sala de espera, (2021)



Fonte: Eu (2021)

Figura 22 - Obra de Adrianna Eu, O corte, (2023)



Fonte: Eu (2023)

A relação das obras das artistas Karen Dolores e Adriana Eu com este TCC se justificam nas questões poéticas associadas, primeiramente à familiaridade com conceitos têxteis e ligações com os tecidos originários das suas casas, quase como uma herança de família. Apesar de uma diferenciação de suportes utilizada para a execução dos trabalhos, ambas as artistas se apropriam de questões simbólicas, nas quais associam os corações criados com questões identitárias e de conceitos complexos relacionados à subjetividade humana.

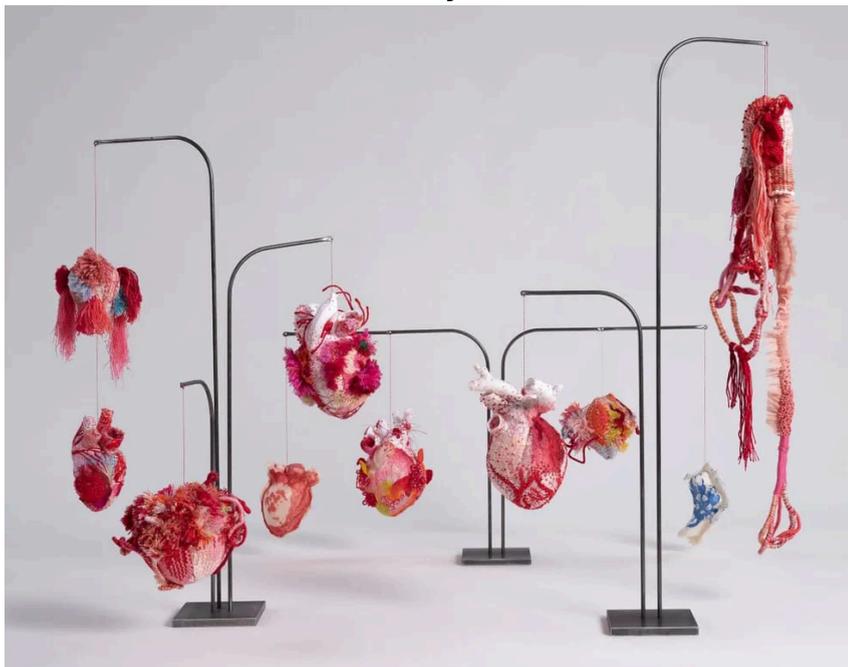
2.4. 5 Os corações nas obras de Ema Shim e Rima Day

Ema Shim (Japão e 1975) é uma artista visual japonesa com herança coreana, cujo trabalho é interdisciplinar e questiona noções de feminilidade, sexualidade, identidade, trabalha com uma lente feminista direcionando-a às mulheres da sua família, herança e cultura. Utiliza principalmente técnicas têxteis, com escultura e tapeçaria, adornadas com miçangas e com bordados. Tendo uma visão de trabalho em que compartilha e conta histórias, busca mostrar novas perspectivas e acessar a compulsão natural por criar. A artista explora, através de suas narrativas culturais, trabalhos que dialogam com a experiência vivida pela artista como mulher, migrante e mãe, e com seus traumas e combate ao racismo casual e sexismo que fazem parte de sua vida e moldam o seu lugar no mundo. Como mulher asiática, sua história influencia muito as suas escolhas. Em entrevista com Sophia Cai em 2021, a artista enfatiza a importância da arte como um ritual de cuidado mental e rotina durante tempos turbulentos, e que muitas vezes, a raiva pode atuar como um grande motivador para a criação. A materialidade da obra da artista, mesmo que originada pela raiva, é guiada pelo calor e pelo cuidado, principalmente pelo uso de tons brilhantes de vermelho, laranja e rosa, permitindo uma fácil comparação com a cor do corpo humano. Essas cores ainda se associam às cores da arte popular coreana feita por mulheres, historicamente esquecidas ou desconhecidas.

Estas simbologias se tornam nítidas na obra “As mulheres ausentes” (Figura 23) composta por diferentes obras fac-similes de esculturas de órgãos humanos, com uma sensibilidade e beleza que interagem com uma conotação macabra. Estas esculturas são feitas com tecidos marcius e adornadas com miçangas, bordados e a

sua tradicional tapeçaria. Estas esculturas são representadas junto de formas botânicas associando o crescimento tanto da natureza quanto da humanidade. A exposição é uma homenagem e celebração à vida de mulheres anônimas, explorando a feminilidade e a sexualidade, através de exemplos de mulheres que estiveram presentes na vida da artista dentro de sua cultura ou da sociedade australiana com a qual convive atualmente.

Figura 23 - Obra de Ema Shim, “Corações das mulheres ausentes” (2023)



Fonte: Cai (2023)

Figura 24 - Obra de Ema Shim que compõe e exposição corações das mulheres ausentes (2023)



Fonte: Cai (2023)

Rima Day (Japão) é artista nimo-americana que estudou design de moda em Tóquio e em Nova York, trabalhou como figurinista, e atualmente trabalha com arte têxtil, buscando traduzir a natureza e o corpo humano através de linhas, agulha, tecidos e papel, de forma a criar linhas como um escritor ou pinceladas como um pintor. Utiliza quase que exclusivamente a linha vermelha por representar o sangue, vitalidade, amor e vida, cor também que a conecta com a sua família por conta de o fio vermelho estar muito presente na cultura japonesa. Semelhante a veias ou a galhos de uma árvore, a artista utiliza essas nervuras para aproximar o observador a suas ligações com a natureza. Possui uma poética intrigante, onde brinca com as palavras e com a forma que borda as diferentes linhas. Em sua série “Desejar por costura” , nas obras “Coração Fantasma III” (Figura 26) e “Coração Fantasma IV” (Figura 27), a artista faz uma alusão direta à cultura japonesa na qual foi criada representando a conexão humana, vitalidade, amor e vida.

Figura 25 - Obra de Rima Day, Sem nome (2022)



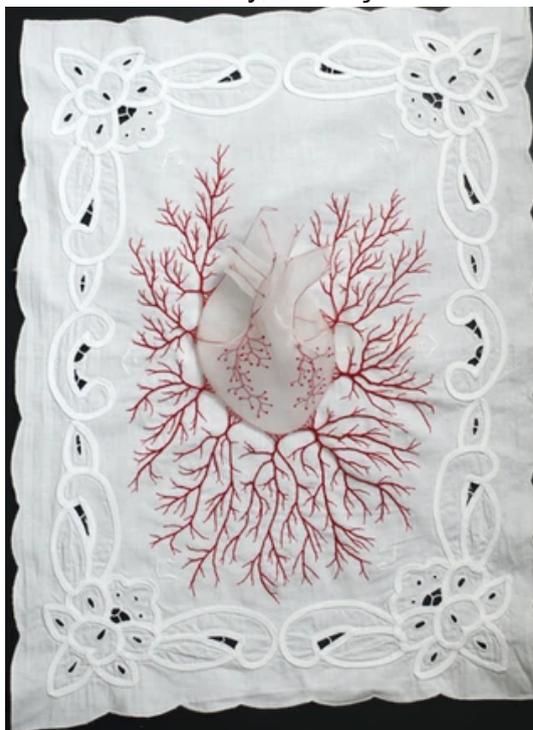
Fonte: Day (2024)

Figura 26 - Obra de Rima Day, "Coração Fantasma III" (2020)



Fonte: Day (2024)

Figura 27 - Obra de Rima Day, "Coração Fantasma IV" (2020)



Fonte: Day (2024)

Considerando a história das artistas e a ligação com o tecido que vem de sua família e todas as questões culturais na qual estão arraigadas, é interessante notar a constante associação do tecido com questões de gênero e da função do feminino, sendo continuamente atrelados a um referencial estereotipado por lições de etiqueta ou de habilidades manuais. O trabalho das artistas mulheres que resgatam suas vivências e experiências pessoais fez com que o tecido e a linha estivessem presentes, a fim de assim como abordado no trabalho delas, fosse resgatado dentro da produção artística desenvolvida.

3 ALGUMAS DEFINIÇÕES DA FILOSOFIA E DA SEMIÓTICA QUANTO AOS ELEMENTOS TEÓRICOS EMPREGADOS NA PRODUÇÃO ARTÍSTICA

Ao pensar nas definições simbólicas empregadas ao coração dentro da produção desenvolvida neste TCC, é preciso primeiramente delimitar o tema, ao investigar alguns autores pontuais como referência, os artistas anteriormente citados e alguns teóricos da história da arte que investigam o tema. Deste modo, apresento uma breve definição trazida pela semiótica do que seria um símbolo. Logo em seguida, analiso um pouco do trabalho de Agostinho de Hipona em sua obra *Confissões*, em que apresenta a sua percepção quanto ao coração como um local descrito por ele como responsável por seus amores, dores, pecados e percepções. Autor esse, que inclusive, serve de embasamento para os corações produzidos por Alexandra Eckert.

Visto isso, o capítulo foi dividido em dois subcapítulos, sendo o primeiro uma apresentação da definição de simbologia a partir da semiótica e o segundo uma análise da obra *confissões* de Agostinho. Isso a fim de contextualizar o embasamento teórico empregado no trabalho realizado na série de obras produzidas.

3.1 DEFINIÇÕES DA SIMBOLOGIA A PARTIR DA SEMIÓTICA

Ao se falar de símbolos precisa-se visitar os estudos relacionados à semiótica a qual é responsável pelo estudo e desenvolvimento teórico do que seria um símbolo. Pensando nisso, precisamos entender que simbologia é um elemento da comunicação que está atrelado ao fenômeno cultural, o qual é composto por uma linguagem a qual concede à uma produção um determinado sentido. Desta forma, Nicolau (2010) apresenta que o ser humano é o responsável em desenvolver a transformação contínua dos símbolos, porque o seu desenvolvimento linguístico se torna contínuo. E por consequência a semiótica, que é o estudo dos símbolos, se torna um método de compreensão e de exposição destes símbolos que são desenvolvidos continuamente.

De acordo com o autor, cada fenômeno cultural é abordado pela semiótica como sistemas de signos, que dão significações e sentido. Charles S. Peirce (2000)

é um dos principais teóricos da semiótica e a sua teoria é responsável por denominar e estudar práticas diárias da linguagem, considerando a forma como ocorrem e como ela é compreendida dentro de um grupo social. Ele apresenta três espécies de raciocínio: a dedução, que é o raciocínio partindo das premissas, a indução, sendo a conclusão aproximada da verdade e a abdução, que é a adoção provisória da verdade. O autor faz uma análise do uso da linguagem e do significado empregado, que classifica então como símbolo, índice e ícone.

Para Peirce (2000) um signo é aquilo que representa algo a alguém até determinado aspecto; este alguém, para o autor, é aquele que torna o signo algo que lhe vêm à mente, sendo um outro signo equivalente ou um mais desenvolvido. O signo é qualquer coisa que conduz ou representa algo, referindo-se a um objeto que é transformado em interpretante. Dentro disso, o símbolo é aquele que significa algo sobre o seu objeto, trazendo uma referência do que seria a ideia inserida pelo objeto. O autor chega à ideia de que um signo pode ser determinado com ícone, índice ou símbolo. O ícone é a representação cuja qualidade se encontra no âmbito da primeiridade, onde este possui uma representação que o torna apto a um segundo representante, podendo ser substituído por um semelhante. Dentro disto, surge o *hipoícone*, que se trata de imagens didáticas que utilizam de relações e representações ou diagramas que possuem um caráter de representação ou paralelo a algo, podendo inclusive ser uma metáfora. Pierce (2000) apresenta que os ícones podem ainda fazer parte de diferentes grupos, onde um deles, por exemplo, é o da espécie algébrica, que se trata de uma série de símbolos que possuem um lógica e um sentido auxiliado em regras convencionais que determinam aquela escrita, como por exemplo, os hieróglifos egípcios. O índice é um signo que não se refere tanto pela similaridade ou analogia qualquer, não tanto em virtude, mas sim por estar em uma conexão dinâmica, tanto com o objeto individual quanto por um sentido ou memória da pessoa a quem serve de signo, sendo esse associado a uma dependência de continuidade, e não a uma ligação por semelhança ou operação intelectual. O símbolo se constitui em um signo que é entendido como tal, de maneira habitual e convencional, quer seja o hábito natural ou convencional, sem considerar a origem desta consideração. Isso faz com que ele seja um símbolo a partir do momento que é interpretado como um símbolo, por ser associado a um símbolo e por obter a significação que lhe é imposta, ao estar ligado a uma convenção ou por um ato intelectual de representação do objeto.

Nicolau (2010), em seus estudos sobre Peirce, apresenta a semiótica como a ciência dos signos e dos processos significativos ou semiose, que podem ocorrer na cultura ou na natureza. Assim, ela é o estudo dos símbolos e das significações para representar determinadas ações, comportamentos ou traduzir objetos lhes atribuindo um significado que é conhecido por um povo, sociedade ou localidade. Toma-se como exemplo a bandeira branca ser um elemento de rendição em uma guerra, ou a bandeira vermelha representar perigo e atenção. Pierce foi um dos precursores e um dos maiores estudiosos da semiótica, ele promoveu uma tríade como classificação: a primeiridade, a secundidade e a terceridade. Segundo Santaella (2005) de uma forma a generalizar e facilitar o entendimento, a primeiridade estaria relacionada ao acaso, possibilidade, qualidade, sentimento, originalidade, liberdade; a secundidade a ação e reação, conflito, ao agora, surpresa e a dúvida; e a terceridade é a generalidade, continuidade, inteligência e ao crescimento. Dessa forma, constituem-se três teorias: a da significação, objetivação e a da interpretação, onde o signo, o primeiro, é ligado à mente, que é ligado ao que indica, refere ou representa, sendo esse a um secundo, e por fim é ligado ao terceiro que possibilitará um possível intérprete.

A partir disto, a semiótica se desenvolve em diferentes ramificações e diferentes classificações. Landowski (2005) apresenta uma visão de como a semiótica depende do cotidiano individual. O autor apresenta que a concepção da experiência estética acontece a partir do providencial e do efêmero, indo em contraponto à ideia de que esse encontro acontece a partir de uma aprendizagem do sentido estético providenciado ao objeto de si maneira gradual e ajustada, estruturada dentro dos elementos a qual o próprio sujeito interage, o ajustando desta forma às qualidades do sensível. Essa ideia parte de uma visão de que a semiótica assumiu uma posição dualista, em que coloca o sujeito em uma perspectiva mundo-objeto, o que faz com que este possua uma visão exterioridade e de distanciamento e ao mesmo tempo. Porém, o autor apresenta que esta perspectiva nos torna distantes e nos faz ter um olhar diferente ao possível, ao mundo que nós vivemos, E a concepção do sensível permite uma visão realmente interessada de contemplação e não apenas de ação, como meio e não como instrumento. Essa mudança de percepção permitiria com o objeto fosse colocado em um plano superior, em um plano cognitivo hierarquicamente superior, podendo ser chamado também de mais sensível, inteligente e mais completo quando engajado em uma

busca reflexiva ao sentido daquilo que estamos vivendo. A partir dessa ideia, a compreensão do sensível pode ser distinta de duas linhas de interpretação:

[...] uma binária e catastrofista – ou bem a rotina, ou bem o acidente –, a outra dialética e construtivista. Essa última abre o caminho para configurações em que a presença do sentido faz-se sentir de um modo ora “melódico”, ora “harmônico”, que supõe o reconhecimento de um papel igualmente ativo da parte dos dois parceiros – sujeito e objeto – implicados nos processos de construção do sentido. (LANDOWSKI, 2005, p.105)

Esta visão permite com que o estudo da simbologia do coração, que também manifesta-se como ícone, apresentado até o momento, possa ser associado a uma atribuição de significado sensível.

3.2 ANÁLISE DA OBRA CONFISSÕES DE AGOSTINHO DE HIPONA

Partimos para o significado atribuído ao coração dentro de um contexto filosófico e contemporâneo. Desta forma, de acordo com a artista Alexandra Nunes (2018) ao estudar o coração, ela percebe que o coração é um símbolo vivo, sendo esse de fascínio humano, por ser o primeiro resquício de vida a ressoar dentro do útero da mãe. Apresenta que em muitas culturas o coração é associado ao local das emoções positivas e negativas, ponto de encontro do amor e do ódio, inveja e compaixão, do medo e da coragem e da mágoa e da alegria (NUNES, 2018). Os estudos da artista apresentam que simbolicamente o coração é considerado o centro do homem, e que para os alquimistas, o coração é a imagem do sol no homem, assim como o ouro é a imagem do sol na terra, ideia esta que foi passando entre os séculos XII e XV causando uma espécie de imaginário beirando o delírio, como apresenta a autora.

Nunes (2018) apresenta que as questões vinculadas ao coração sempre estiveram no interesse do campo da filosofia, ao lhe ser atribuído tanto significado. Muito dessa ideia se estruturou a partir dos escritos de Aurélio Augustinus ou Agostinho de Hipona, conhecido como Santo Agostinho, que foi um filósofo e religioso entre os mais influentes da Igreja Católica, que nasceu em 354 d.c e morreu em 430 d.c. Agostinho iniciou a sua vida acadêmica aos dezesseis anos quando se mudou para Cartago para estudar e dar aulas. Durante este período,

através de muitos conflitos internos, se converte ao Cristianismo em 386 dC. Tempo depois se dedicando a sua fé, funda a comunidade monástica cristã e torna-se bispo de Hipona. Foi autor de inúmeros sermões e escritos, dentre eles: Cidade de Deus, A Trindade, O Mestre e a Doutrina Cristã e as Confissões. (NUNES, 2018).

“Confissões” trata de um compilado de treze livros contendo inúmeros textos, e que aparecem mais de de cento e oitenta vezes a palavra coração, segundo Mori (2020). Este é ainda um dos primeiros registros de uma autobiografia, no qual o autor escreve sobre a sua vida desde o seu nascimento até os dias em que se encontra escrevendo. Nunes (2018) descreve que esta obra é uma espécie de narrativa de suas crises até chegar à própria conversão do Santo Agostinho, obra essa que fica difícil de definir como religiosa ou filosófica por abordar questões tão profundas de coisas que definido por ele como coisas guardadas em seu coração. Agostinho (2020) utiliza o coração como um elemento extremamente simbólico, apresentando-o como centro da alma humana. Mostra sua perspectiva de mundo a partir de uma auto análise de quem ele é, e de como os seus anseios, paixões, dores e amores são direcionados pelo coração, mesmo que em muitos momentos ele sintasse contrito aos pés do seu Deus e peça perdão por seu coração estar direcionado para o local errado. Agostinho debruça os seus lamúrios diante de Deus e lhe clama por perdão, e se utiliza de textos para isso a fim de que o seu testemunho sirva de exemplo.

Para Agostinho, o coração se torna algo que simboliza a sua própria humanidade, em muitos dos seus escritos vemos o autor dirigindo o coração para questões de âmbito de tristeza profunda e de arrependimento presente em: “conheces os gemidos que meu coração dirige a ti, os rios de lágrimas que brotam de nossos olhos” (AGOSTINHO, 2020, p.102); questões de fé, “e assim o crê meu coração em tua presença” (AGOSTINHO, 2020, p.149); de adoração a Deus “tu bem o sabes, luz de meu coração” (AGOSTINHO, 2020, p.73); e até mesmo sentimentos de confusão como vemos em “e se alternavam estes ventos, que impeliam meu coração de aqui para ali” (AGOSTINHO, 2020, p.168).

Agostinho apresenta em seu escrito uma sensível perspectiva de que o coração seja a parte mais importante do ser humano, sendo associado à alma e ligado a representação dos desejos, anseios, sentimentos, entre outros já comentados, o tornando então, um local de associação de boa parte da complexidade humana.

4 PRODUÇÃO ARTÍSTICA

A produção artística desenvolvida neste TCC surge da percepção do elemento coração, como recorrência no conjunto desenvolvido ao longo dos Cursos de Artes Visuais e busca por um desenvolvimento maior da poética concebida até o momento, se estruturando conceitualmente dentro de explorações já elaboradas por outros artistas, estudos de semiótica e da obra *Confissões*, de Agostinho de Hipona, buscando um diálogo intencional com o coração da artista e algumas das suas vivências

Durante todo o trabalho buscou-se uma forma de representação da amplitude do coração e partindo de diferentes esboços e protótipos, pensou-se, em um primeiro momento, em um gabinete de curiosidades. Porém, ao revisitar os questionamentos como base deste TCC, percebeu-se que o coração é complexo e simbolicamente rico por si só, sem precisar de inúmeros representantes do que estaria no coração. Desta forma, Buscou-se uma metodologia desenvolvida no Atlas Mnemosyne de Aby Warburg, através de uma percepção e coleta de diferentes produções artísticas ao longo da história da arte e também de cunho popular que poderia estar presente em *cards* de propagandas ou embalagens que fizessem sentido com o trabalho fluindo na produção artística. Assim, foi feita a pesquisa que embasasse o presente trabalho abordando diferentes artistas que se apropriam do coração e buscando entender quais as poéticas deles a fim de buscar o que faz sentido para a produção.

Visto isso, foi feita uma pesquisa dentro da história da arte, a partir da metodologia do atlas Mnemosyne, do referencial filosófico e estético empregado na simbologia do coração, buscando em especial o referencial no livro “*Confissões*” de Agostinho, onde o autor apresenta uma espécie de autobiografia.

Conceitualmente, a produção da série de obras desenvolvida busca uma poética que apresenta diferentes e complexas camadas que um coração possui, de maneira simbólica, tanto culturalmente quanto historicamente. Tendo em vista uma abordagem que parte de uma autobiografia, o conceito se apropria da ideia de se encontrar com as complexidades individuais, provocando o participante a olhar para si e refletir sobre a sua história e seu coração, gerando o questionamento sobre aspectos significativos quanto aos seus sentimentos, afetos, amores, entre outros.

A estrutura da série de obras, denominada “Sagrado coração de Luíse” se apropria de um paralelo entre o sagrado e o individual, trazendo o conceito de individualidade a um patamar diferente, mostrando as diferentes estruturações do que é composto um indivíduo frente a uma única simbologia no qual a identidade é tanto associada. Deste modo, a obra se estruturou de forma a ser uma espécie de instalação onde se inicia através de um atlas que possui referências da história da arte, arte contemporânea, de propaganda presentes no cotidiano, e de obras de minha produção pessoal feita ao longo dos anos, para então finalizar através de duas obras diferentes, sendo uma pintura e uma escultura, cada uma possuindo características específicas e próprias, com elementos que se relacionam, como a cor vermelha, nos diferentes materiais e tons, e do dourado, presente através do papel de ouro, finalizando assim a instalação do atlas.

Sua estética busca uma contemporaneidade desenvolvida por muitos dos artistas referenciados neste trabalho e se apropria do incômodo que os volumes, camadas e texturas provocam que, de acordo com Byung-Chul Han (2019), o incômodo intencional se propõe a causar a sensação presente quando nos tornamos vulneráveis e falamos de coisas que estão presentes em nosso coração e que fazem quem nós somos.

Na sequência, veremos de forma mais detalhada cada uma das partes e estudos desenvolvidos e significados dentro da produção, contando com uma especificação do processo de criação que se estabeleceu durante a execução da produção.

4.1 DO ATLAS MNEMOSYNE À PRODUÇÃO

Antes de pensar na produção, o trabalho de pesquisa iniciou com um estudo de diferentes esboços feitos em um *Sketchbook* que serviu como uma forma de visualizar as primeiras ideias. Nele foram anotadas diferentes ideias, iniciando pelo gabinete e pelos objetos, e posteriormente um estudo de objetos e texturas que poderiam agregar nos conceitos e ideias que poderiam ser consideradas, tornando-se inclusive, um registro de todo o processo de criação. Porém, ao percebermos que essa definição não englobava de maneira plena se iniciou uma investigação sobre o Atlas Mnemosyne desenvolvido por Aby Warburg. Na

sequência se investigou o método semelhante ao atlas desenvolvido por David Hockney, apesar de que em seu referencial teórico não apresenta referências diretas ao atlas de Warburg. Contudo na construção de de sua catalogação de retratos a fim de construir um novo retrato.

Deste modo, ao se utilizar da metodologia do atlas, se organizou diferentes referências dentro da história da arte e de linguagem popular encontradas em panfletos de propaganda ou embalagens de marketing. Logo em seguida se desenvolveu um segundo atlas mais direcionado ao processo criador que desenvolveu a série de obras finais que finaliza o atlas do coração.

4.1.1 Atlas Mnemosyne e o conhecimento secreto de Hockney

Segundo Samain (2012) o Atlas Mnemosyne (Figura 28) surge a partir da paixão de Aby Warburg (1866-1929), que conhecido por ser o pai da iconologia também era historiador das artes e antropólogo, e apaixonado por bibliotecas. Tendo como principal tema de pesquisa o legado da antiguidade clássica, teve como objetivo pessoal a propagação desse conhecimento, o que o levou a construção de sua biblioteca³ particular. Possuía mais de 70 mil volumes, e desenvolveu um atlas de imagens em 1924, no qual foi chamado de *Der Bilderatlas Mnemosyne*⁴, ou seja, “‘uma história da arte sem palavras’ ou, ainda, uma ‘história de fantasmas para pessoas adultas’ (SAMAIN, 2012, p 52), composto de 76 painéis de fundo preto, de 1,5m por 2 metros, criando, deste modo, conjuntos de pequenos filmes, nos quais reuniram aproximadamente 900 imagens entre fotografias, imagens coloridas e em preto e branco de obras artísticas, esculturas, monumentos, edifícios, afrescos, baixo-relevos antigos, gravuras, iluminuras, recortes de jornal, selos, moedas, entre outros, presos por pequenos prendedores. Sendo uma espécie de quebra-cabeça, foi montado para ser lido de maneiras diferentes, de forma que cada imagem pudesse dialogar com as demais e todas entre si, apresentando movimento, expressão e emoção oriundas do ser humano ao longo dos séculos. Samain descreve o Mnemosyne como:

³ Com a ascensão do nacionalismo socialista e o antissemitismo Nazista, a biblioteca foi esvaziada em 1933 e os livros, juntamente com o atlas, foram transportados ao Warburg Institute, integrado a Universidade de Londres

⁴ Em alemão, língua nativa de Warburg.

[...] uma espécie de enciclopédia de movimentos em constantes andanças no tempo, de tensões e de outros afetos que se inscrevem e habitam o inconsciente da memória humana coletiva, tal como camadas geológicas. [...] a maneira como vivem, sobrevivem e se configuram esses movimentos expressivos do destino humano, com suas fundamentais inquietações existenciais. (SAMAIN, 2012, p. 56)

O atlas se percebe de uma maneira diferente dos livros de história da arte, isso porque segundo Samain (2012), a organização do atlas não pode ser interpretada como cronológica, pois se apresenta de uma maneira em que as imagens se abrem, dobram e desdobram percorrendo diferentes datas e períodos artísticos, se reencontrando, ressuscitando e se fazendo existir sendo uma performatização da forma de enxergar a arte. Dando um foco central nas imagens, elas se constituem em um tempo anacrônico nos remetendo a um tempo pessoal e social. Isso porque ao atravessarem tempos, séculos e histórias as imagens se tornam órfãs de seus criadores possibilitando uma relação mórbida com o espectador que se relaciona com ela, elas se perpassam e que segundo a autora “as imagens nos causam medo talvez por essa razão: porque elas carregam, precisamente, os arquivos-vivos de saberes corrente telúricas diante dos quais perdemos a força de “gritar” [...] por falta de tempo, ou antes, por falta de talento” (SAMAIN, 2012, p. 59). As imagens permitem que ao olharmos para elas, a fim de compreendê-las, somos forçadamente capazes de interpretá-las e de se colocar face a amplidão das intuições e das sensações nelas contidas.

Figura 28 - Atlas Mnemosyne, Painel número 55 (versão preto e branco a direita e versão em cores a esquerda) (1920)



Fonte: Serva (2021)

Segundo Samain (2012), Warburg teria descrito Mnemosyne como uma espécie de relação de reverberações temporais e espaciais. Já o nome Mnemosyne vem da deusa grega *Mnemosyne*, da memória e da lembrança. Segundo Campos (2016) a deusa possuía um poço, e nesse, os mortos quando bebiam de sua água, lembravam de suas memórias e a deusa os preservava do esquecimento, deste modo, no mundo antigo ela era a responsável pela lembrança e por não deixar com que pessoas ou feitos fossem esquecidos. Por conta desse referencial histórico Warburg se utilizou dela como principal referência colocando uma placa grande com o nome da deusa na entrada da biblioteca referida anteriormente. Além disso, se inspira ainda no mito da deusa através de um seguidor, poeta, chamado Simônides, que se auto intitulou inventor da memória, que atrelava a oralidade, poesia e a imagem, sendo ela pintura ou escultura.

O Atlas Mnemosyne nunca foi finalizado, o autor veio a falecer antes de sua finalização, porém ele mesmo já se referia à sua produção como algo incompleto e sem um término. O autor não buscava somente elaborar uma história da arte sem palavras mas também uma maneira de compreender a nossa humanidade visto que para ele a arte é atemporal e pertence a todas as eras.

Deste modo o Atlas Mnemosyne surge como uma forma de perceber e destacar detalhes, ao arquivar e organizar tanto as imagens quanto os livros presentes na biblioteca Warburg busca uma forma de domar o tempo e o espaço, o que segundo Quintas (2028) seria uma forma de o espaço das coisas criadas não ocupar uma hegemonia ou uma concordância, mas sim uma forma de arquivamento do tempo e espaço, no qual justifica a existência do espaço. Ele se estrutura em uma criação de movimentos e articulações entre si, possibilitando desta forma um diálogo entre os diferentes referenciais.

David Hockney (1937-) é um dos mais influentes artistas do século XX e XXI e atualmente é um dos artistas vivos mais caros, mundialmente conhecido por seu trabalho com pintura. Realiza uma pesquisa que buscou como foco a figuração e por conta de seus estudos da figura humana, desenvolveu um projeto de pesquisa semelhante ao de Warburg mas com outro intuito. Em seu livro “O conhecimento secreto, redescobrimos as técnicas perdidas dos grandes mestres”, (2001), uma apresentação de seu estudo através de uma coletânea de imagens de retratos ao longo da história da arte. Ele coleta diferentes imagens e as posiciona lado a lado de forma a compará-las. Ao fazer isso, o autor se depara com uma extrema diferença

na composição dos retratos entre o início do século XV ao Século XIX, conhecido também como o período que determina uma guinada rumo ao naturalismo pelos historiadores de arte. Essa diferença, conclui o autor, se dá a partir da fabricação e popularização da câmara escura, que se tornou tão popular que poderia ser facilmente comprada em algumas lojas. A análise de Hockey parte para um estudo de composição e formas, e que os artistas poderiam ter utilizado a câmara escura para adquirir imagens tão realistas quanto uma fotografia.

É interessante perceber que o autor apresenta a sua teoria ao se utilizar de grandes painéis feitos com um fundo em um tecido ocre no qual grudou, com o auxílio de fita ou tarrachas, diferentes cópias em imagem de pinturas e desenhos da história da arte, sendo apresentada cada imagem uma ao lado da outra. Esse conjunto foi chamado por Hockey como o “grande mural” (Figura 29) e lhe permitiu ver de modo panorâmico, levando a um olhar óptico a perceber a diferença e estrutura do pensamento construído. E segundo a sua pesquisa, ao colocar as diferentes obras uma ao lado da outra permite com que se tivesse uma análise com mais precisão, e desta forma surge uma mudança significativa no realismo das obras de arte, o que possivelmente, segundo o autor seria devido a utilização de espelhos ou da câmara escura na execução das obras de arte. Esta teoria se estrutura ao se perceber que além de muitas imagens muitos retratos apresentarem um número significativo de retratos de pessoas canhotas, sendo que antes era mais comum os retratos serem representados como pessoas destros, retratadas segurando algum tipo de objeto na cena, apresentando assim, imagens de uma supremacia realística muito superior a qualquer outro momento da história da arte, algo que só foi superado pela fotografia que posteriormente foi inventada.

Figura 29 - O grande Mural de David Hockey (2000)



Fonte: Name (2020)

Hockey finaliza o seu livro quando chega ao Impressionismo, e a invenção da fotografia, onde surge um questionamento sobre o dilema de função e utilidade da arte naquele período com a popularização da fotografia. Isso faz com que os artistas abrissem mão do trabalho com retratos, e explorassem outras significações e possibilidades com o seu trabalho, surgindo assim uma pintura muito mais fora dos ateliês e preocupada com o cotidiano e com a primeira impressão das luzes e das cores que os olhos captam em um primeiro momento.

É válido ressaltar que os estudos de Warburg e Hockey se tornam tão memoráveis e válidos por apresentarem uma diferenciação no método de estudo e colocam à prova uma nova forma de ler imagens, possibilitando uma análise histórica e que considere diferentes mudanças no passar do tempo. Eles tornam a imagem única mas ao mesmo tempo solta dentro de um âmbito histórico, lhe dando uma função individual e grupal, semelhante a uma célula em um organismo, na qual possui uma função e um objetivo mas que junto com as demais formam um órgão, que formam organismos e assim sucessivamente.

4.1.2 Atlas do coração: Sagrado coração de Luíse

O processo de construção do trabalho se deu de maneira processual sendo desenvolvida com diferentes referências ao longo da graduação, se estabeleceu de maneira a construir uma única obra, formada de uma série de diferentes obras e abordagens do coração a fim de ressaltar em duas obras finais que fecham a série completa do atlas.

Assim como já comentado, inicialmente se juntou diferentes obras de arte através de livros, artigos, pesquisa ou coleta de arquivos oriundos de propagandas de marketing ou arquivos pessoais contendo obras e produções obtidas nos últimos anos e que tivessem algum tipo de referência relevante para este TCC. Logo em seguida se posicionou as obras no painel de exposição a fim de fomentar a visualização das diferentes combinações que estas imagens poderiam ter de relações entre si. Ao todo foram utilizadas no total foram 72 entre imagens⁵, gravuras, desenhos e objetos selecionados para esta intervenção.

⁵ Ver listagem em Apêndice.

As obras escolhidas possuem diferentes referências, estruturadas durante os últimos anos, por conta disso possuem como referencial diferentes artistas de diferentes maneiras que exercem algum tipo de influência nas produções que compõem a obra. Como é o acaso do trabalho que, tendo sido inicialmente pesquisado, de artistas como Jeff Koons (Eua, 1955-) e Banksy (Inglaterra, 1975) que possuem um trabalho mais voltado para o *kitsch* e para o irônico e de representações com corações caricatos e sem uma representação mais voltada para o real e orgânico, mas sim um coração semelhante ao encontrado em propagandas e *emojis*. Possuindo uma estruturação crítica muito fundamentada, são sem dúvida artistas que permitiram uma percepção diferente da que se tinha tido até o momento. Neves (2018) comenta apresenta que o trabalho do artista tem sido chamado de estética da mercadoria, sendo que seria uma forma de se apropriar das diferentes qualidades materiais e sensoriais dos objetos que estão presentes no contexto urbano e assim causam respostas estéticas e emocionais aos cidadãos que têm contato com a obra. Através destas respostas estéticas, o artista se apropria ainda do questionamento da arte como mercadoria e a sua relação com a arte propriamente dita e a relação dela com os consumidores e os fenômenos estéticos apresentados pelo capitalismo contemporâneo.

Vale citar ainda os artistas Susano Correia (Brasil, 1989-) e Ezekiel Moura (Brasil, 1986-), que em um primeiro momento tiveram uma influência neste trabalho, mas que com o decorrer da montagem do atlas, não se relacionam tão diretamente. Ambos possuem um trabalho conduzido pela pesquisa e o referencial do surrealismo, mas em uma época contemporânea onde se apropriam das redes sociais como forma de exposição de seus trabalhos. As técnicas desenvolvidas pelos artistas vão desde a ilustração digital quanto de métodos tradicionais como pinturas e esculturas. Apresentam uma abordagem mais figurativa na qual se apropriam muito dos símbolos atrelados ao coração. Aparecem de maneira mais metafórica e representativa, utilizando ele de maneira a ser uma espécie de analogia, com elementos surreais e irrealis, onde ambos os artistas se utilizam muito do título da obra para se comunicar com o público e auxiliar na interpretação. Possuem um trabalho mais voltado a uma análise pessoal em que abordam assuntos como a solidão, paixão e desilusões amorosas, e por conta disso acabam se comunicando com mais facilidade com o público por se aproximarem nos assuntos, gerando assim um entendimento e aproximação.

4.2. 3 A série de obras

Tendo em vista esses referenciais construídos de forma consciente e inconsciente durante os últimos anos, a produção artística deste TCC iniciou a partir deles, mas buscou outra representação, algo que ainda não tinha aparecido na minha produção até o momento, uma vez que o elemento coração já havia sido explorado diversas vezes. Desta forma, se desenvolveu um atlas constituído de diversas referências na qual culminou em duas últimas obras.

O atlas denominado “Sagrado coração de Luíse” (Figura 30) é composto de diversas imagens impressas em tamanhos diferentes, xerox e trabalhos realizados ao longo dos últimos anos, entre gravuras, esculturas, assemblages, entre outros, todos tendo o coração como tema principal, tornando esse o objeto norteador. Onde foram coladas no painel de exposição do mesmo método utilizado por Hockey e Wamburg com fita durex, fita dupla face e fita crepe, para colar no painel de apresentação a fim de auxiliar no entendimento da sequencialidade. As imagens e obras selecionadas foram posicionadas a partir de uma espécie de prosseguimento semelhante ao que ocorreu na pesquisa, gerando uma espécie de grupos onde determinados traços estéticos ou de assuntos dominantes a fim de construir uma espécie de sequencialidade e interseções entre as obras ao aproximá-las de certo modo. Coladas na instalação de forma casual se assemelha ao processo que foi feito no ateliê, durante a pesquisa, se relacionando de maneiras diferentes umas com as outras, mas todas se relacionam de alguma forma entre si, tendo como fechamento desta pesquisa as duas obras finais presentes na exposição.

Além disso, é importante mencionar que a linguagem utilizada para a elaboração das obras se deu por uma necessidade de representação múltipla, que emprega características consideradas clássicas na história da arte, de modo a se utilizar da ressignificação que a pintura vem tendo através de abordagens contemporâneas e estabelecer uma apropriação de materialidade e de intenção na forma de criação das obras, seja no uso do ouro, na construção da tela desde de o esticar a tela no bastidor ou na modelagem escultórica.

Figura 30 - Sagrado coração de Luíse, em exposição no Hall do Campus 8 (2024)



Fonte: Acervo particular (2024)

A primeira obra que finaliza o atlas recebe o nome de “Coração de mulher” (Figura 31) e se trata de uma assemblagem sobre tela usando técnica mista, utilizando principalmente pintura e costura. A tela é composta por tecidos variados, linha vermelha, tinta acrílica e papel de ouro. Seu processo de criação surgiu a partir de diferentes testes em tecidos variados, nos quais possuíam texturas e complexidades diferentes. O processo de início da tela partiu desde o esticar a tela no bastidor, partindo para então a confecção da tinta para então a composição com as diferentes cores e texturas.

A proposta da assemblagem surgiu a partir da utilização de tinta com um certo volume, a fim de carregar a tela intencionalmente, construindo um coração estruturado em diferentes pinceladas grossas, buscando uma complexidade na composição, chegando a uma figuração desse coração complexo. Além do uso da tinta, são aplicados e intercalados diferentes tecidos, todos provenientes de uma caixa antiga de retalhos de minha avó, além de uma linha vermelha costurada entre a tinta e o tecido. A intencionalidade desta obra se dá no fato de vir de uma casa de quatro mulheres e em que ironicamente, sou a única neta que não sabe costurar de maneira considerada “correta”. A escolha do uso do tecido, proveniente do ateliê da

minha avó, surge também do fato de que mesmo ela sendo professora de artes, quando criança ela se recusou a me ensinar a pintar. Fato esse que me leva a direcionar um modo redentivo deste trauma ao pintar em cima dos tecidos, tanto em relação ao meu antigo relacionamento com a minha avó quanto ao se surgir uma intencionalidade ao se questionar através desse ato os elementos socialmente atrelados às práticas femininas da costura ou ao domínio das artes clássicas. Além de uma construção da relação dos tecidos com a tinta, intencionalmente, no centro da tela, temos o uso do papel de ouro, a fim de remeter ao sagrado, buscando uma interpretação intencional do sagrado presente na humanidade.

Figura 31 - Luíse Lorenz “Coração de Mulher” (2024)



Fonte: Acervo particular (2024).

A segunda obra denominada “Coração sagrado” (Figura 32) se constitui como uma escultura feita a partir de uma técnica mista partindo de porcelana fria, pintada de tinta acrílica dourada com um finalização em papel de ouro. Ela surge do verbete

popular em que as pessoas falam umas às outras que “você tem um coração de ouro” quando fazem ações sociais.

Sendo voluntária em projetos sociais há muitos anos, já escutei esta frase em muitos momentos. E trazendo em especial o atual momento em que o Rio Grande do Sul em que se vive uma calamidade pública causada por enchentes, onde ouvi muitas pessoas falarem umas às outras essa frase como forma de elogiar o que tem sido feito. Deste modo, a obra surge como uma referência nova interpretação do sagrado coração de Jesus, partindo da associação do dourado no coração, mas também da percepção trazida dentro da obra de Agostinho de Hipona em que o coração é um local onde está presente a identidade, e por consequência deve ser respeitado como sagrado.

Figura 32 - Luíse Lorenz “Coração Sagrado” (2024)



Fonte: Acervo particular (2024).

A intencionalidade das obras busca que mas sim de cada observador se identifique independente de sua crença, moralidade, credo ou modo de vida. A ideia é que o espectador ao se deparar com a obra possa pensar na própria existência e estruturação de seu coração, assim como em especial dois filósofos e teólogos, Agostinho de Hipona (354-430) e James K. A. Smith⁶ (1970-) onde expõem suas

⁶ Formado em filosofia com foco no pensamento francês contemporâneo, é professor de filosofia da Calvin University, possui um trabalho crítico sobre a relação entre a academia, sociedade e a teologia. Em seu livro “Você é aquilo que ama” apresenta uma ideia de que o coração é o local onde

alegorias de que o coração é o local onde os nossos amores e desejos mais profundos estariam habitando. Agostinho (2020) apresenta o coração como aquele que é destinado aos diferentes *telos*⁷ (traduzido do grego, uma meta), uma visão destinada a um fim. Segundo ele, o “órgão” responsável por ser o centro desta orientação seria o coração (*kardia*⁸, em grego), onde habitam os nossos anseios e desejos, tornando-o assim, como um local de adoração onde depositamos a nossa maior fonte de amor e afeto, semelhante a um altar de adoração em que é colocado aquilo que é mais importante em nossa vida, sejam coisas materiais, pessoas, relacionamentos ou até metas de vida pessoal ou profissional. Smith (2017) compara o coração a uma espécie de bússola em que o coração apontaria a direção desses amores e afetos, pois se dedicam à busca de um supremo *telos*⁹. Logo, o coração se torna aquele que é atrelado a uma série de significados, podendo-se representá-lo de distintas formas.

A partir disso foi pensado e apresentado neste TCC, uma busca pela representação da vulnerabilidade, da retratação com o passado e em uma identidade do eu como artista. Partindo de um entendimento quanto ao que o coração normalmente é associado à identidade, o espectador é convidado a adentrar o coração do artista e perceber como cada elemento é interligado e relacionado no processo criador. Sendo este processo oriundo de ideias aleatórias ou estruturadas em um referencial consistente, o coração do artista se torna algo sagrado e de oportuno local de vislumbre de quem ele é. Apresentando uma galeria de pequenos “eus” que simbolicamente representam a nossa história, paixões e referenciais morais.

todos os nossos amores habitam. Para Smith (2017), os amores seriam o equivalente a nossos desejos mais profundos, e o que mais vivemos para conquistar. Deste modo, o coração seria a espécie de bússola que é atraída pelo norte de nossos amores, onde “[...] o centro de gravidade da pessoa humana não fica localizado no intelecto, mas no coração.” (2017, p.29).

⁷ É utilizado para definir propósito, fim ou objetivo.

⁸ καρδίη - coração , como órgão do corpo; depois como sede da vida , coragem , emoção , razão.

⁹ Ideia desenvolvida por Agostinho.

5 CONCLUSÃO

Ao chegar no momento de conclusão deste TCC, ressalto os processos que culminaram na produção do atlas denominado “Sagrado Coração de Luíse”, sendo esse tão importante quanto o resultado obtido com a investigação realizada e na produção final. No decorrer da pesquisa, é perceptível o significado que cada um dos diferentes artistas emprega nos “corações” desenvolvidos em seus trabalhos como um elemento de comunicação que parte de ideias filosóficas e conceituais. Além de ser visível uma sequencialidade histórica, percebe-se que a simbologia é empregada ao coração de diferentes formas, e seus significados são empregados de acordo com a sociedade e ambiente em que se inserem. Este simbolismo permitiu revisitar a questão norteadora, e possibilitou a percepção de que compreender os seus significados não é uma tarefa fácil. Contudo, dentro da pesquisa realizada, esta compreensão pode acontecer. Buscou-se realizar uma investigação ampla que abrangesse de alguma forma a visão que se tem do coração e a sua herança dentro da história da humanidade, formando quase que uma listagem de algumas representações do coração. E por conta deste curso da história, foi possível perceber o coração como um símbolo importante dentro de diversas sociedades. Também abordado neste TCC, a semiótica explica que o símbolo é fruto do meio em que está inserido. Através da sequencialidade de momentos históricos pesquisados foi possível visualizar uma espécie de direcionamento à produção final, o atlas, percebendo a trajetória de construção deste simbolismo do coração.

Para além dos conceitos teóricos empregados dentro do elemento simbólico, também foram consideradas as características das obras, suas produções, os materiais, a forma de estruturação plástica e de apresentação das obras estudadas. Assim, alguns dos elementos utilizados por estes autores foram incorporados e fundamentaram tanto o atlas quanto as obras finais deste trabalho. O uso de materiais como a porcelana fria, o papel de ouro e até o uso do tecido e da linha vermelha foram fundamentais para justificar alguns dos conceitos trabalhados no TCC.

Por se tratar de um aprofundamento identitário do *eu* como artista, é importante ressaltar a dificuldade da criação. Pois assim como foi apresentado ao longo do trabalho, o coração é um símbolo atrelado diretamente à identidade do

indivíduo, e por consequência, eu, como a artista que cria. Esta vulnerabilidade a qual nos submetemos quando produzimos uma obra torna desafiadora a produção. Contudo, a intencionalidade deste trabalho não se dá única e exclusivamente para um fim identitário *meu*, como o *eu* artista, mas busca uma provocação e uma apropriação do ambiente em que a obra é instalada, sendo responsável por uma imersão do participante. A intenção é que o espectador da obra se depare com uma abordagem diferente do eu e possa se identificar com alguns dos temas trabalhados.

Esta relação entre espectador e obra se torna possível, segundo Alain de Botton (1969), uma percepção mais ampla da obra, não sendo limitada a apenas ver a obra, mas também em percebê-la de maneira mais ampla, tendo inclusive um papel terapêutico. Neste caso, a obra de arte possui diferentes funções como: rememoração, esperança, sofrimento, reequilíbrio, compreensão de si, crescimento e apreciação. Para Bolton, a arte não possui apenas um papel de representação de algo ou de algum conceito, mas também de terapia, sendo inclusive responsável por uma percepção da vida mais plena através das linguagens artísticas. Trago isso a fim de destacar como alguns dos significados empregados ao coração possibilitam uma identificação para o participante da obra, ao se relacionar com a memória, alegria, sofrimento, etc. Realizo essa associação com a abordagem trazida por Agostinho de Hipona, em suas Confissões. Como visto, a possibilidade de trazer esta ideia para um contexto da arte é perceptível no trabalho de Alexandra Eckert, que se apropria de elementos relacionados à dualidade empregada no coração, assim como as memórias, a identidade e a história de cada indivíduo.

Inicialmente confesso que temi cair um clichê, em que o coração é atrelado ao amor e à paixão, que é socialmente atrelado ao coração. Contudo, compreendi que o simbolismo é amplo e contempla todos os tipos de pensamentos e definições, podendo se ligar ou se distanciar do senso comum. Pode revelar uma representação em que a relação simbólica é associada ao lugar que demonstramos, ou, neste caso, guardamos, os nossos gostos e afetos. Dessa forma, espera-se que através desta pesquisa realizada e do embasamento teórico construído, a conceituação e a produção artística apropriam-se destas diferentes representações e significações, a fim de demonstrar como o símbolo se torna concreto através da produção artística contemporânea, mediante a uma materialidade e um entendimento estruturado pelos diferentes autores estudados, a fim de conceber uma representação digna do simbolismo que o coração possui.

REFERÊNCIAS

- ABDO, Humberto. **Susano Correia inaugura ateliê com exposições na Galeria Metrópole**. Veja São Paulo. 2023. Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/coluna/terrace-paulistano/susano-correia-atelie-galeria-metropole>> Acessado em 19/04/24
- AGOSTINHO. **Confissões**. Tradução Frederico Ozanam Pessoa de Barros. Vol 1, Rio de Janeiro: Petra, 2020.
- AGOSTINHO. **Confissões**. Tradução Frederico Ozanam Pessoa de Barros. Vol 2, Rio de Janeiro: Petra, 2020.
- ALESSI, Iris. **É arte na rua, é manifesto, é intervenção com tricô e crochê**. In: *Urdume arte manuais têxteis, expressão e autoconsciência*. Urdume Edição #02. Maio de 2019.
- ALMEIDA, João Carlos. *vulgo Padre Joãozinho*. **Sagrado Coração: mais que uma devoção, uma espiritualidade**. Canção nova, formação. s/d. Disponível em: <<https://formacao.cancaonova.com/espiritualidade/devocao/sagrado-coracao-mais-que-uma-devocao-uma-espiritualidade/>> Acessado em 12/04/24
- BANKSY. **Guerra e spray**. Tradução Rogério Durst. Intrínseca, Rio de Janeiro, 2012.
- BOTTON, Alain de, John Armstrong. **Arte como terapia**. tradução Denise Bottmann. 1 ed. Rio de Janeiro, Intrínseca, 2014.
- BROTAS, Matias. **Adrianna Eu**. Galeria Matias Brotas, 2021. Disponível em: <<https://matiasbrotas.com.br/artistas/adrianna-eu/>> Acessado em 16/04/24
- CAMPOS, Daniela Queiroz. **Um pensamento montado: Aby Warburg entre uma biblioteca e um atlas**. Revista de história e estudos culturais, vol. 13 ano XIII nº 2, jul-dez 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/probson89,+Artigo_7_secao_livre_Daniela_Queiroz_Campos_Fenix_Jul_Dez_2016.pdf> Acessado em 08/04/24
- CANELAS, Lucinda. **“O que Leonardo da Vinci sabia sobre o coração é absolutamente incrível”**. Público comunicações sociais, 2019. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2019/10/21/culturaipilon/noticia/leonardo-vinci-sabia-coracao-absolutamente-incriveis-1890391>> Acessado em 13/04/24
- CARAVELLO, Luciana. **Adrianna Eu**. Galeria Luciana Caravello. Sp- Arte, s/d. Disponível em: <<https://www.sp-arte.com/artistas/adrianna-eu/>> Acessado em: 16/04/24
- CARRARD, Ana Luísa. **Livros que servem como esconderijo para o coração**. Jornal Zero Hora, pág 7, segundo caderno, atividades do MARGS, 2002. Disponível em: <<https://acervo.margs.rs.gov.br/atividades-do-margs/coracao-volumes-e-tomos/>> Acessado em 26/09/23
- CRIMP, Douglas. **Sobre as ruínas do museu**. tradução Fernando Santos. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- COEHOORN, Mattanja. **Rima Day borda livros sobre o amor**. Textielkunstenaars, 2022. Disponível em: <<https://textielplus.nl/artikelen/rima-day/>> Acessado em 28/04/24

CULTURE, Google arts e. **Allegory of the Sacred Heart of Jesus**. Google Arts and Culture, 2024. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/asset/allegory-of-the-sacred-heart-of-jesus-0019/xAEhZFA_Vwy1xw> Acessado em 12/04/24

CULTURE, Google arts e. **As Duas Fridas**. Google Arts and Culture, 2023. Disponível em: <<https://artsandculture.google.com/asset/as-duas-fridas-frida-kahlo/zAHG4EZ1WrwVYg?hl=pt-BR>> Acessado em 07/10/23

CULTURE, Google arts e. **Livro dos mortos de Kenna**. Google Arts and Culture, 2023. Disponível em: <<https://artsandculture.google.com/asset/book-of-the-dead-of-kenna-0002/egEHQ9VZUYIVAg>> Acessado em 13/04/24

CULTURE, Google arts e. **Sagrado Coração de Jesus**. Google Arts and Culture, 2024. Disponível em :<<https://artsandculture.google.com/asset/sagrado-cora%C3%A7%C3%A3o-de-jesus/xgGdjNylSZyRxA>> Acessado em 12/04/24

CULTURE, Google arts e. **Sagrado Coração de Jesus**. Google Arts and Culture, 2024. Disponível em: <<https://artsandculture.google.com/asset/sagrado-cora%C3%A7%C3%A3o-de-jesus/OAGk-LoW0arVSQ>> Acessado em 12/04/24

CULTURE, Google arts e. **The Heart of Jesus**. Google Arts and Culture, 2024. Disponível em :<<https://artsandculture.google.com/asset/the-heart-of-jesus/4gFhkCXBVn6Oqq>> Acessado em 12/04/24

DAY, Rima. **Bio**. Rima Day, 2024. Disponível em: <<https://www.rimadayart.com/about>> Acessado em 28/04/24

DAY, Rima. **Coração Fantasma III**. Rima Day, 2020. Disponível em: <<https://www.rimadayart.com/to-wish-by-stitching?pgid=ltldqx5bg-8c40d75f-52a2-4f21-be2b-d08f4416f983>> Acessado em 28/04/24

DAY, Rima. **Coração Fantasma IV**. Rima Day, 2020. Disponível em: <<https://www.rimadayart.com/to-wish-by-stitching?pgid=ltldqx5bg-d4c2d27c-c2ec-4aad-96fe-f66e19ddf775>> Acessado em 28/04/24

DAY, Rima. **Impresso e costurado**. Rima Day, 2024. Disponível em: <<https://www.rimadayart.com/printed-and-stitched>> Acessado em 28/04/24

DOUEIHI, Milad. **Histórias perversas do coração humano**. tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, ed, 1999.

DOLOREZ, Karen. **Dentro**. Instagram, 2015. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/3xMORDuHme/>> Acessado em 16/04/24

DOLOREZ, Karen. **Karen Dolorez**. Dolorez, 2021. Disponível em: <<https://www.dolorez.com.br/sobre>> Acessado em 16/04/24

DOLOREZ, Karen. **Mural 4 O Fio libertador**. Instagram, 2017. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BRn7ND1jRou/?img_index=1> Acessado em 16/04/24

DOLOREZ, Karen. **O fio libertador**. Dolorez, 2017. Disponível em: <<https://www.dolorez.com.br/murais?pgid=ivmbx5xj-ec756a62-ec6b-4910-90b1-86f14cda502e>> Acessado em 16/04/24

DOLOREZ, Karen. **Visceral**. Dolorez, 2015. Disponível em: <<https://www.dolorez.com.br/murais?pgid=ivmbx5xj-e5cfdde4-b0a2-41b8-974a-981fab3c3c531>> Acessado em 16/04/24

ECKERT, ALEXANDRA. **eckertalexandra**. Instagram, 2023. Disponível em: <<https://www.instagram.com/eckertalexandra/>> Acessado em 26/09/23

ECKERT, Alexandra. **Estou no corpo da obra!**. Org. BLANCA, Rosa Maria. In: Poéticas abertas [recursos eletrônicos], Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=aUDsAQAAQBAJ&pg=PA41&lpg=PA41&dq=s%C3%A9rie+vide+bula+Cora%C3%A7%C3%A3o+mix+plus+alexandra+eckert&source=bl&ots=awz57OdLxu&sig=ACfU3U1Jd_D3kFJ7f1mRzKhacVVCt0Dcow&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwixslCru8mBAxU8SLgEHTRGBFUQ6AF6BAGcEAM#v=onepage&q=s%C3%A9rie%20vide%20bula%20Cora%C3%A7%C3%A3o%20mix%20plus%20alexandra%20eckert&f=false> Acessado em 26/09/23

ECKERT, Alexandra. **Livro, faça de corte, coração Projeto de uma instalação focalizando a interação espectador-obra**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

EU, Adrianna. **O coração puro**. Instagram, 2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cwr5SH-ulOo/?img_index=1> Acessado em 16/04/24

EU, Adrianna. **Sala de espera**. Instagram, 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CATMx17pCjp/?img_index=1> Acessado em 16/04/24

EU, Adrianna. **Sala de espera**. Instagram, 2021. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CZ4P5QcLJXJ/?img_index=1> Acessado em 16/04/24

EU, Adrianna. **Sala de espera**. Instagram, 2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CtZiKMArLeG/?img_index=1> Acessado em 16/04/24

FIDELIS, Gaudêncio. **De humani corporis fabrica - Anatomia das relações entre Arte e Medicina**. Universidade Feevale, 2013. Disponível em: <<https://www.feevale.br/acontece/noticias/de-humani-corporis-fabrica---anatomia-das-relacoes-entre-arte-e-medicina>> Acessado em 26/09/23

FORATO, Fidel. **IA soluciona enigma do coração humano apontado há 500 anos por Leonardo da Vinci**. Canaltech, 2020. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/saude/ia-soluciona-enigma-do-coracao-humano-apontado-ha-500-anos-por-leonardo-da-vinci-170283/>> Acessado em 13/04/24

FLORINDO, Renan. **Apresentação de Renan Florindo**. Áton inteligência digital. 2023. Disponível em: <<https://renanflorindo.com.br/apresentacao/>> Acessado em 21/04/24

FLORINDO, Renan. **Obras de Renan Florindo**. Áton inteligência digital. 2023. Disponível em: <<https://renanflorindo.com.br/obras/>> Acessado em 21/04/24

GALLERYSMITH. **Corações de mulheres ausentes| Ema Shin**. Gallery Smith est. 2008. 2024. Disponível em: <<https://gallerysmith.com.au/blogs/exhibitions-ema-shin/hearts-of-absent-women-ema-shin>> Acessado em 28/04/24

GALLERYSMITH. **Ema Shin**. Gallery Smith est. 2008. 2024. Disponível em: <<https://gallerysmith.com.au/collections/ema-shin>> Acessado em 28/04/24

GARCIA, Erick Doner Santos de Abreu. **Ensino de fisiologia cardiovascular e fisiologia do sistema respiratório**. Curitiba: Contentus, 2021.

GENUÍNAOBRA. **Espaço cultural Castellan recebe exposição de Alexandra Eckert e FotoColetivo Essas Mulheres**. Universidade Feevale, 2023. Disponível em: <<https://www.feevale.br/acontece/noticias/espaco-cultural-castellan-recebe-exposicao-de-alexandra-eckert-e-fotocoletivo-essas-mulheres>> Acessado em 26/09/23

GOMPERTZ, Will. **Isso é arte? 150 anos de arte moderna do impressionismo até hoje**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges, 1 ed, Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

HAN, Byung-Chul. **A salvação do belo**. Tradução de Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

HOCKNEY, David. **David Hockney**. Hockney 2024. Disponível em: <<https://www.hockney.com/home>> Acessado em 25/06/24

HOCKNEY, David. **David Hockney: O conhecimento secreto- redescobrimos as técnicas perdidas dos grandes mestres**. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2001.

HOLZWARTH, Hans Werner. **Jeff Koons**. Taschen, 2014.

INHOTIM, Loja. **Renan Florindo**. Inhotim. 2024. Disponível em: <<https://inhotimloja.com.br/product-category/collabs/renan-florindo/>> Acessado em 21/04/24

LANDOWSKI, Erick. **Para uma semiótica sensível**. Tradução revisada e adaptada pelo autor a partir do original “*Pour une sémiotique sensible*”, *passion sans mon, Essais de socio-sémiotique III*, Paris, presses Universitaires de France, 2004, cap. II. ER Educação e realidade. 30(2):93- 106, jul/dez, 2005.

LIMA, Estefania. **O complexo infinito de afetos da Eu - uma busca pela razão de afetos que encontramos através da arte. Um passeio com Adrianna Eu pela mostra “Costura-se para dentro”**. In: Urdume arte manuais têxteis, expressão e autoconsciência. Urdume, Ano 1, Edição #04, 2019.

MELLO. Shara Lorena Gritten. **Maat: princípios regentes do Egito faraônico**. Dez 2016. Disponível em: <<https://museuegipcioerosacruz.org.br/maat-principios-regentes-do-egito-faraonico/>> Acessado em 09/04/24

MODERNO, Do Museo de Arte. **As duas Fridas, 1939**. Google Arts and Culture, 2023. Disponível

em:<https://artsandculture.google.com/story/as-duas-fridas-1939/_wJCem8xJOWKLw?hl=pt-BR> Acessado em 07/10/23

MORI, Geraldo de e Raúl Santiago Suárez Delgado. **A antropologia do coração inquieto. Uma leitura do termo coração nas Confissões de Santo Agostinho à luz da filosofia de Paul Ricoeur.** Pensar - Revista eletrônica da FAJE, v11, n.2, 5-21, 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/santanna,(1)+Geraldo.pdf> Acessado em 21/11/23

MULLET, Nilton. **A corte amorosa no medievo ocidental.** Café com história Divulgação científica desde 2008. Dezembro, 2022. Disponível em:<<https://www.cafehistoria.com.br/a-corte-amorosa-no-medievo-ocidental/>> Acessado em 16/04/24

NAME, Daniela. **David Hockney, câmara escura e Ipad.** Revista Caju. 2020. Disponível em: <<https://revistacaju.com.br/2020/07/09/hockney/>> Acessado em: 02/07/24

NEVES, Pedro Pinheiro. **A vida sentimental das mercadorias: a estética da “fofura” e seus jogos de poder na arte de Jeff Koons.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/gal/a/WjRsJxJsqxk9gNqgzTqmpSG/#>> Acessado em 13/11/23

NICOLAU, Marcos. **Comunicação e semiótica: visão geral e introdutória à semiótica de Peirce.** Revista eletrônica tematica, ano VI, n.8, Agosto, 2010.

NOBREGA, Almir Inacio da. **Manual de técnicas radiológicas.** São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2019.

NÖTH, Winfried. **A semiótica no século XX.** São Paulo: Annablume, 1996.

NUNES, Alexandra Kloeckner Eckert. **Narrativas poéticas em publicações de artista, livro-objeto e séries gráficas: reminiscências, afetividades e outras delicadezas.** Tese (Doutorado em Processos e Manifestações Culturais) - Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2018.

NUNES, Brunella. **Karen Dolorez transforma crochê em arte urbana espalhada por São Paulo.** São Paulo São. março, 2019. Disponível em: <<https://saopaulosao.com.br/karen-dolorez-transforma-croche-em-arte-urbana-espalhada-por-sao-paulo/>> Acessado em 16/04/24

PEREIRA, Teresa Matos. **Ativismo, transitoriedade 139 e feminismo na obra de Karen Dolorez.** In: Revista Estúdio, artistas sobre outras obras. Volume 11, número 32, out-dez 2020. Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA), Faculdade de Belas-artes, Universidade de Lisboa, 2020. Disponível em: <https://estudio.belasartes.ulisboa.pt/E_v11_iss32.pdf> Acessado em 16/04/24

PETITJEAN, Marc. **O coração: Frida Kahlo em Paris.** tradução de Débora Isidoro. Bauru, São Paulo:Astral, 2022.

PRATES, Paulo R. **Símbolo do coração.** História, Ciência, Saúde. Manguinhos, v. 12, n.3, p. 1025-31, set-dez, 2005.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica.** Tradução José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2005.

QUINTAS, Georgia. **Atlas Mnemosyne – Busca infinita por arquivar imagens e pensamentos**. Olhavê. 2018. Disponível em: <<https://olhave.com.br/2018/10/atlas-mnemosyne-busca-infinita-por-arquivar-imagens-e-pensamentos/>> Acessado em 08/04/24

REY, Sandra. **Da prática à teoria: três instâncias metodológicas sobre pesquisa em Poéticas Visuais**. Porto Alegre: Porto Arte, v.7, n.13, p.81-95, nov, 1996.

SAMAIN, Etienne. org. **Como pensam as imagens**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

SANTAELLA, Lucia. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica**. Editora brasiliense, coleção primeiros passos 103, 1983.

SERVA, Leão Pinto. **“Atlas Mnemosyne”, que Aby Warburg deixou inacabado, renasce em versão “original”**. Scielo Brasil. ESPM. São Paulo (SP), Brasil. 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/gal/a/cbhFNRMMmKMgc35vxsBJK9kK/#>> Acessado em 02/07/24

SILVA, Mariana Silva da. **Elaborar um trabalho de conclusão de curso em Artes Visuais: modo de usar algumas notas**. Montenegro: Editora da fundart, Ano 15, Número 29, 2015.

SMITH, Ema. **Ema Smith home**. Ema Shin site de otherpeoplespixels. 2024. Disponível em: <<https://emashin.org/home.html>> Acessado em 28/04/24

SMITH, Ema. **Ema Smith news**. Ema Shin site de otherpeoplespixels. 2024. Disponível em: <<https://emashin.org/news.html>> Acessado em 28/04/24

SMITH, James K. A. **Você é aquilo que ama: o poder espiritual do hábito**. Tradução James Reis. São Paulo: Vida Nova, 2017.

SMITH, James K. **James K. A. Smith**. Website, 2021. Disponível em: <<https://jameskasmith.com/about/>> Acessado em: 14/11/23

USP, Centro Cultural. **DLDD – Renan Florindo**. GCACEx. 2020. Disponível em: <<http://cultura.sc.usp.br/event/dldd-renan-florindo/>> Acessado em 21/04/24

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência**. Campinas, SP: Autores associados, 2006.

_____. **.Aby Warburg**. Companhia das letras. s/d. Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/colaborador/03935/aby-warburg>> Acessado em 25/06/24

_____. **Alexandra Eckert**. ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa346009/alexandra-eckert>>. Acessado em: 25/11/23

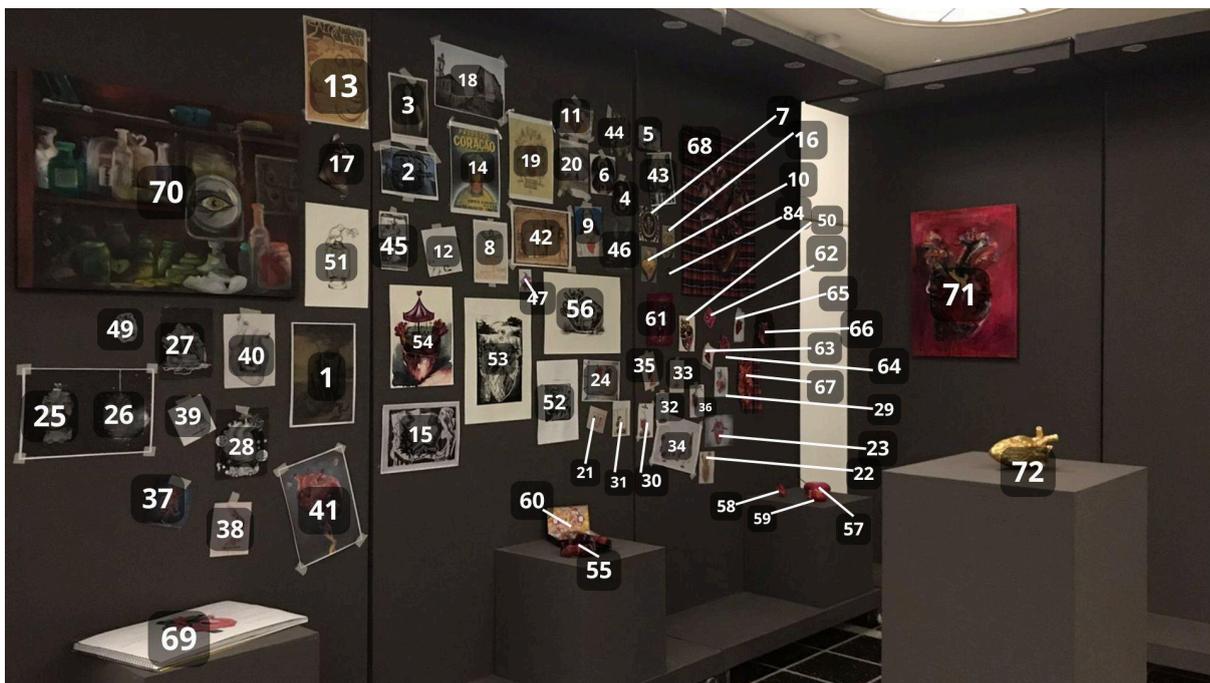
_____. **Fundação Wikimedia**, 2010 . Disponível em:
<<https://en-academic.com/dic.nsf/enwiki/573824>> Acessado em 25/09/23

_____. **Memória, o Coração, 1937 de Frida Kahlo**. Frida Kahlo.org, s/d. Disponível em:<<https://www.fridakahlo.org/memory-the-heart.jsp>> Acessado em 15/04/2024

_____. **Sagrado Coração de Jesus**. Vatican News, S/d. Disponível em:
<<https://www.vaticannews.va/pt/feriados-liturgicos/sagrado-coracao-de-jesus.html>>
Acessado em 12/04/24

_____. **Um dicionário homérico (Grego - Inglês) (Ελληνικά - Αγγλικά ομηρικό λεξικό)**, 2010. Disponível em: <https://homerich_el_en.en-academic.com/5282> Acessado em 25/09/23

APÊNDICE - LISTAGEM DAS IMAGENS, OBJETOS E OBRAS QUE COMPÕEM O ATLAS DENOMINADO “SAGRADO CORAÇÃO DE LUÍSE”



1. Sem título conhecido (coração, cacto, feto). Frida Kahlo. S/d
2. Instituto do Coração- Lalo de Almeida- 2018-05-10
3. Coeur meurtri (Coração ferido)- Nicota Bayeux-1913
4. Sagrado Coração de Jesus. Candido Portinari.1940
5. Cristo Redentor. Tero Hakala. s/d.
6. Sagrado Coração de Jesus. Candido Portinari. 1940
7. Sagrado Coração de Jesus. Candido Portinari. 1959
8. Artigo 6 - A Declaração Universal dos Direitos Humanos (série em português). Otávio Roth. 1984
9. Sagrado Coração de Jesus. Candido Portinari. 1942.
10. Pendente. Autor desconhecido. Século 20
11. Pedro e Inês. Coletivo ARM. 2013/2013
12. Figuras e Coração. Candido Portinari. 1938
13. Salon des Cent: Exposição da Obra de A. Mucha. Alfons Maria Mucha. 1897
14. Coração Products. Desconhecido. s/d.
15. Uma Theoria Nova. Ilustração. 1944.
16. Pendente. Autor desconhecido. Século 20.
17. Heart. Museu Catavento. 2020
18. Coração. Terceiro. s/d.

19. Trago no meu coração. Bernardo Marques. Século 20.
20. menina com o balão em Londres. Bansky. 2012
21. Unidas. Karen Dolores. 2018.
22. O desejante. Adrianna Eu. 2023.
23. Visceral. Karen Dolores. 2015.
24. o fio libertador. Karen Dolorez. 2017.
25. Eternos Viajantes. Ezequiel Moura. s/d.
26. A Verdadeira Vontade. Ezequiel Moura s/d.
27. Das tripas coração. Ezequiel Moura s/d.
28. E ali deixei meu coração. Ezequiel Moura s/d.
29. Peça que compõe a exposição “Corações das mulheres ausentes”. Ema Shim. 2023.
30. Coratium. Renan Florindo. s/d.
31. Coração na caixa monstera deliciosa. Renan Florindo. s/d.
32. Coração com cúpula GG Inhame Roxo. Renan Florindo. s/d.
33. Eixo. Karen Dolores. 2020.
34. Corações das mulheres ausentes. Ema Shim. 2023.
35. O corte. Adrianna Eu. 2023.
36. A costura do coração. Adrianna Eu. 2023.
37. Trago no meu coração uma saudade atrás da outra. Susano Correia. s/d.
38. O beijo do amor verdadeiro. Susano Correia. s/d.
39. Coração Partindo. Susano Correia. s/d.
40. Coração apertado. Susano Correia. s/d.
41. homem tentando se proteger do amor, debaixo do seu próprio coração. Susano Correia. s/d.
42. Livro dos mortos de Kenna. 1325-1275 a.C.
43. O Coração de Jesus. Juan Patricio Morlete Ruiz. 1759.
44. Allegory of the Sacred Heart of Jesus, José de Paez. s/d.
45. Ecografia de Denise N. F. Lorenz do coração do bebê, Luíse F. Lorenz em fase de gestação.
46. Capa do Livro Confissões de Agostinho de Hipona
47. Adesivo de Ornitorrinco segurando um coração desenvolvido por Luíse Lorenz (2023)
48. Adesivo de coração dourado desenvolvido por Luíse Lorenz (2023)
49. Adesivo de coração com peixes desenvolvido por Luíse Lorenz (2023)

50. Aquarela de Luíse Lorenz (2020)
51. Avalanche, desenho em nankin, de Luíse Lorenz (2021)
52. sem nome, isogravura de Luíse Lorenz (2023)
53. sem nome, xilogravura de Luíse Lorenz (2019)
54. O Eu preso em seu egocentrismo, aquarela de Luíse Lorenz (2021)
55. Caixa de bombom, técnica mixta, de Luíse Lorenz (2024)
56. Formiga, litogravura de Luíse Lorenz (2023)
57. Coração emoji, Escultura em porcelana fria de Luíse Lorenz (2024)
58. Coração mini, Escultura em porcelana fria de Luíse Lorenz (2024)
59. Coração 1, Escultura em porcelana fria de Luíse Lorenz (2024)
60. Caixa de Jóias, assemblagem de Luíse Lorenz (2023)
61. Coração 2, pintura acrílica sobre tecido de Luíse Lorenz (2024)
62. Coração 3, pintura acrílica sobre tecido de Luíse Lorenz (2024)
63. Coração 4, pintura acrílica sobre tecido de Luíse Lorenz (2024)
64. Coração 5, pintura acrílica sobre tecido de Luíse Lorenz (2024)
65. Coração 6, pintura acrílica sobre tecido de Luíse Lorenz (2024)
66. Coração 7, pintura acrílica sobre tecido de Luíse Lorenz (2024)
67. Coração 8, pintura acrílica sobre tecido de Luíse Lorenz (2024)
68. Coração 0, óleo sobre tela de tecido xadrez de Luíse Lorenz (2024)
69. Livro coração, livro de artista de Luíse Lorenz (2024)
70. Coração humano, óleo sobre tela de Luíse Lorenz (2019)
71. Coração de Mulher, Luíse Lorenz (2024)
72. Coração Sagrado, Luíse Lorenz (2024)